



0

ALABAMA



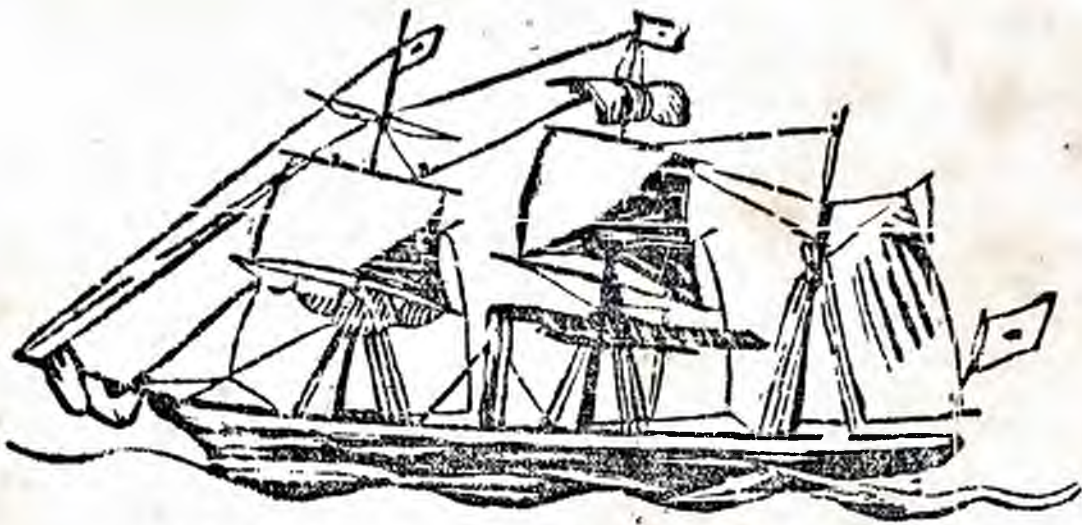
1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 52

Preço a assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series.

BAHIA

2 DE JUNHO DE 1869.

N. 512.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
4 de junho de 1869.

Não houve expediente.

—O invieto general Osorio marchou de novo para a guerra!

—Gloria a elle, o benemerito do exercito!

—Prestando tão eminente serviço a seu paiz, o illustre rio grandense faz um sacrificio enorme de sua saude.

—Entretanto ainda não são passados tres mezes que o governo com a maior ingratição mandou riscar seu nome da lista triplace, negando-lhe o direito de representar no parlamento a sua provincia natal!

—E' um exemplo de raro civismo!

—Nobreza d'alma! Rasgo de stoica abnegação!

—Honra ao legendario Osorio!

—Sobre a saude do bravo general, diz o *Jornal do Commercio*:

«Escreve pessoa competente:»

«O visconde continua muito enfermo e so o seu patriotismo podia movê-lo a voltar ja aos campos de batalha. Ainda conserva a mandibula fracturada e mesmo na vespera do embarque sahiram duas esquirolas, que prefazem ja vinte e tantas, perto do trinta.»

«Todavia, penso que é possível a consolidação pelos simples esforços do organismo e de um tratamento methodico; mas tambem é possível que os ossos se necrosem e então sera necessaria uma operação seria como a da rescisão das porções do osso necrosado.»

—Deus que vela pelos grandes homens, ha de permittir que elle volte são e incolume, salvando sua patria.

—Hontem, pelas 4 horas da tarde, em uma casa no Cabeça, uma senhora pisava diferentes preparações chimicas em um pilão de ferro, para foguetes, e estas inflammaram-se, ficando ella com as duas mãos esmigalhadas e a cara toda chamuscada.

—Infeliz!

—Veio para o hospital e o Sr. Dr. Caldas, amputou-lhe a mão direita, por estar mais perigosa.

—E correrá perigo a sua vida?

—Diz o medico que sim.

—Coitada! Deus se amercie della.

—Como é que n'uma rua como esta se pratica isto!

—Pergunte á policia.

—A rua do Collegio onde habita tanta familia!

—Badernas da noite de sabbado.

—Não se pode dar maior desaforo!

Dous ou tres espadanchins aproveitam-se da escuridão da noite, apedrejam as vidraças de uma *filha da noite*, trepam pelos andaimes da casa immediata que se está edificando, penetram pelas janellas no 1.º andar, esbofeteam a moradora, e fazem um *perluvio* tamanho que accorda toda visinhança em sobresalto!

—Estão de cabeça enchada!

—E depois de ultrajarem a moral publica com uma torrente de obscenidades, depois de desacatarem o pudor das familias com quanto nome injurioso e deshonesto ha, e de fazerem a mais hedionda e indecente assuada, parece que vão dar treguas ás esquentadas cabeças, por que cessou o barulho.

—E a policia nem deu accordo de-si!

—Tire agora as consequencias: si os turbulentos podem, á seu salvo, trepar por andaimes, invadir casas, debaixo de uma algazarra dos diabos, n'uma das ruas mais publicas da cidade, o que não farão os ladrões, mais prudentes e prevenidos do que estes?

—V. está fallando; ouça...

—Temos cousa deste lado.

—O sarceiro é mesmo na rua da secretaria da policia, onde ha um destacamento.

—Vamos ver.

—E' um grupo de estabanados, que, á pedradas, accomette a casa do professor Manuel Maria, a quem os garotos chamam o *Quiabo duro*.

—Aqui não se contentam de quebrar as rotulas do pobre homem: insultam-no, e injuriam-lhe a familia.

—Pobres senhoras expostas aos ditos picantes e ignominiosos de meia duzia de bigorilhas!

—A que estado chegaram as cousas nesta terra! Nem as familias podem ja descaçar no lar domestico em horas mortas.

—E isto nas barbas da policia, a dois passos de um destacamento!

—Começou na terça-feira, na egreja matriz de Sant'Anna, as trezenas de Santo Antonio.

—Estou seiente.

—Aprecie isto:

«O—sabio—ministro do thesouro acaba de annunciar oficialmente ao paiz a existencia de um—deficit—de *dez mil e tantos contos* no orçamento do proximo exercicio, o qual é indispensavel prover pela creação de—novos impostos.—

«De que natureza seião os novos impostos, e sobre que ordem de interesses ou fontes de produção—imporá—a situação governamental para prover aquelle—deficit—extraordinario?

«Não é facil dizel-o sensatamente

«Naturalmente os novos impostos tocarão o pessoal do paiz.

«Cada pessoa que se casar terá de pagar um imposto!

«Cada casal que tiver um filho outro imposto!

«Quem tiver um creado, um imposto especial, e a quantidade de ar que for aspirada assim como o numero de palavras que se houver de pronunciar, tudo será cotado no novo systema de impostos!

«Não resta duvida que esta situação é uma maravilha de virtude, moralidade e fecundidade governamental: ella ha de engrandecer e illustrar este reinado, o mais sabio de que a historia tem lembrança ou memoria!

—Excellento meio de fazer justiça!

—Tornando-se juiz e parte?

—E executor ao mesmo tempo.

—Mas assim, sem direito, sem razão?

—Que tem lá isso?

—Nem diga tal.

Pois ha quem possa approvar semelhante proceder deste inspector, aqui no Taboão?

Chamar um preto para vender-lhe um barril d'agua e porque este entra primeiro em outra casa, tomar isso por uma grande afronta!

—Susceptibilidade tola.

—E não se contentando de espancal-o excessivamente, passar a facha a tiracollo e o mandar para a correção!

—Mas V. não quer que os agentes d'autoridade sirvam ao menos para se desabafar?

LA VAE VERSO

MOTTE

*Da pelle de um bem-te-v
O bibio fez um tambor,
Para ter com que rufar
Na porta de seu amor.*

GLOSA.

*La nas matas do Pambú
Encontrei a um macaco,
Offerecendo tabaco
A seu compadre teiú;
Mais adiante um tatú
—De prazer não stava em si,—
Ajustava com um quatí
Para fazer-lhe um gibão,
Um collete, e um calção
Da pelle de um bem-te-vi.*

*Agora ando occupado,
Diz o quatí de repente,
Pois na eleição presente
Espero ser deputado;
Pelo que tenho gastado,
E por ser conservador
Devo sahir eleitor;
Si comsigo, oh! que folia,
Para applaudir este dia
O bibio fez um tambor.*

Brada o *latú* mui zangado:
Tôlo! deste engano fuja,
Vá chupar mel de coruja,
Qu' ha de ser taboquado;
Sou candidato approvedo;
Sua chapa heide furar,
A minha hade triumphar;
Disista da pretensão,
Tome a vaquêta na mão
Para ter com que rufar.

Em boas mettido estou,
Adeus minhas pretensões,
Leve o diabo eleições,
Mais quem tal cousa inventou;
Assim o *quatê* fallou,
— Possuido de furor—
Si taboquado eu for,
De raiva abrasado, e cego,
Vou cantar o arrenego
Na porta de seu amor.

Á PEDIDO

—Esta taberna parece mais uma possilga, um cortiço de *lambisqueiras*, um valha-couto de bargantes e malandros do que uma casa de negocio.

—A policia já prohibiu os ajuntamentos nas vendas.

—Isso seria o menos, si quem passasse á noite Atraz da Sé não fosse obrigado a presenciare os *passos feios* que se dão por uma porta travessa sem a menor cerimonia. A sucia sabe da venda e vem para o corredor da loja fazer nella exposição de quadros que não estão em harmonia com a castidade.

—De noite só?

De dia tanto pinta o caixeiro como o amo. Do balcão a *baixolearem* as compradeiras, e a fazerem mil indecencias.

—Ninguem aacreditaria ao ver os ares de *seraphim* que affecta!

—Outro dia quasi matam um menino.

—E' preciso pôr um termo a tudo isso.

—O muxingueiro é o remedio salutar para isso.

—Pois bem; vou recommendar-lhe que tome a sua conta semelhante pandega.

—Rapaz, aquelle cujo ja pagou o sacco de farinha ao pobre homem?

—Nem sombra!

—Que saltador! E' assim que torna-se um gallego destes millionario em pouco tempo!

—Eis-me prompto, capitão, para continuar com a historia do *Mellorio*; porem antes de entrar no amago do inventario da sogra, do

qual é elle muito alto e muito poderoso inventariante, devo dar-lhe alguns esclarecimentos para melhor poder apreciar do quanto é capaz semelhante tabareuzinho.

—Vamos com isso, pois hoje estou de pachorra, e o muxingueiro está doudo por trancafiar esse *Mellorio* no porão, e dar-lhe uma lecção em regra.

—Muito bem, isso mesmo é o que eu desejo. O inventario do sogro, *Mellorio* que era o conselheiro apostolico, o piloto dessa barca de traficancias, deu-o por findo, declarando que o mais ficaria para a sobrepartilha, a qual cahiu em exercicios findos, por já se terem passado vinte e tantos annos, sem que mais nunca nisso se fallasse, mesmo porque *Mellorio* dizia, que nada mais havia para sobrepartilha, porque os titulos das dividas caducaram, os trastes quebraram-se, os armarios e guarda-louças desmancharam se, os pratinhos do uso da casa os ratos roeram, e os ourinhos os gatos lamberam e as más linguas dizem—valha em tudo a verdade—que a sobrepartilha foi feita de portas a portas, entre *Mellorio*, e seus dous cunhados.

—Fizeram elles muito bem, comprehendaram admiravelmente o preceito dos capadocios—*beatus est quem possue, quem tenet na mão é seu dono.*

—Capitão, assumpte mais esse bocadinho: um dos taes cunhados de *Mellorio* mudou de provincia, e depois de alguns annos, la morreu solteiro, sem testamento, e sem deixar filhos, tendo deixado em poder da mãe um escravo; claro fica que a ella ficou pertencendo o escravo, por ser a legitima herdeira de seu filho, e tanto isso era legal, que, depois da morte da sogra do *Mellorio*, o outro cunhado deste; com o tal frade da mão furada, aconselharam, que em beneficio do casal se vendesse esse escravo ao governo para o exercito; pois sabe o que fez o infame do *Mellorio*? Avaliando tudo que a sogra deixou para o respectivo inventario, não avaliou o referido escravo.

—Homem, V. sabe, eu tomara ver o fim desse intrincado drama.

—Pois então, capitão, aprecie mais essa lasquinha. *Mellorio*, para remunerar os propheticos conselhos do tal fradeco, cu para recompensar as generosidades prodigalisadas em sua casa pelo sobredito cujo, conforme este mesmo blasona, diz que existe um papel sujo passado a mais de treze annos, o qual, sendo por todos os titulos nullo e propriamente papel sujo, por lhe faltarem todas as formulas de direito, quer agora ver se pegam as bichas, querendo denominar a casa

papellucho de doação ou patrimonio do tal fradeco, a ver si d'ahi lho resulta alguma mamata; porem está enganado, porque esse papel ha de ser devidamente apreciado, e elles hão de ficar com cara de lacaios.

Eu quero tambem que V. Ex. aprecie o procedimento, e caracter do outro cunhado do Mellorio, o espartalhão do tal Sr. *Randolfe*, de quem tenho magnificos factos para narrar-lhe relativamente a esse inventario, e então ficará admirado de ver quanta retratação, e quanta falta de cumprimento de palavra, e promessa desse menorio.

—Homem, lembrei-me agora que tenho de dar ordem para a baldeação do navio, portanto venha amanha mais cedo para conversarmos.

—Poisbem, amanha aqui me terá prompto para continuar a desembaraçar essa meitada, em que se acham envolvidos, *Mellorio*, seu cunhado, e o tal fradeco. (Continua.)

AO SR. SUBDELEGADO DO PILAR.

Prevaleço-me da imprensa para pedir a S. S. que, melhor se informando das leis de seu paiz, haja de sustar a ordem de prisão decretada contra Manuel Desiderio, visto que, si S. S. syndicar do facto que lhe serve de pretexto, conhecerá que elle não se acha envolvido em culpabilidade alguma, e por tanto não pode ser constrangido a uma prisão illegal por factos que não praticou, pelos quaes, ainda quando fossem verdadeiros, não poderia o mesmo ser preso em face do aviso do ministerio da justiça de 2 de janeiro de 1865, uma vez que não existe queixa ou denuncia da parte que se diz prejudicada.

A imputação de alguns inimigos de Manuel Desiderio não deve produzir effeito no animo de S. S. para precipitadamente ordenar sua prisão, sem que elle fosse encontrado em flagrante, tornando-se assim S. S. echo dos caprichos de pequeninos inimigos que procuram desabafo a todo transe.

Publicando o alludido aviso, tenho em vista mostrar ao Illm. Sr. subdelegado a illegalidade da ordem de prisão lançada contra Manuel Desiderio, sem que este para isso desse causa.

Um dos requisitos mais necessarios na authoridade é ser prudente, circumspecto, e não se deixar levar por informações levanas e sem criterio, em vista do que espera-se que S. S., reconsiderando o seu acto, ponha os olhos somente na lei.

O inimigo do arbitrio.

«Rio de Janeiro.—Ministerio da justiça 2 de janeiro de 1865.

Illm. e Exm. Sr. —Sendo necessario cytar

e eohibir os abusos contra a liberdade individual, praticados ja por prisões preventivas fora dos casos que a lei permite, ja aggravando-se as prisões com a demora das formações da culpa, ou dos processos para concessão das fianças, manda S. M. o Imperador, que V. Ex. recommende a todas as authoridades policiaes, e criminaes d'esta provincia, que somente pode decretar prisões antes de culpa formada em actos de flagrante delicto, e contra os individuos indiciados em crimes inaffiançaveis como é expresso no § 8.º, art. 179 da Const., arts. 131, 175 do Cod. do Proc. Crim., art. 111 do Reg. 120 de 31 de janeiro de 1842. As prisões pelo motivo vago de indagações policiaes são manifestamente illegaes, e mesmo os presos em flagrante delicto, somente serão recolhidos a prisão, ou n'ellas conservados, nos casos especificados no art. 133 do Cod. do Proc. Crim., cuja observancia, assim como a do art. 132. V. Ex, tambem recommendará, que a disposição do art. 175 do mesmo cod. sendo facultativa, e dependente do criterio da authoridade competente para ordenar a prisão, aquella só deve decretar quando pelas provas ou indicios que colher, convencer-se de que o individuo praticou um crime inaffiançavel, não bastando para isso a simples apresentação de queixa ou denuncia por crime inaffiançavel, ordena o mesmo Augusto Senhor, que V. Ex. faça responsabilisar as authoridades, que não cumprirem quanto aqui se recommenda, e que para facil inspecção determine V. Ex. as referidas authoridades que lhe enviem no principio de cada mez um mappa de todas as prisões que tiverem decretado no mez anterior. D. G. a V. Ex.—*Francisco José Furtado*.—Sr. presidente da provincia de...

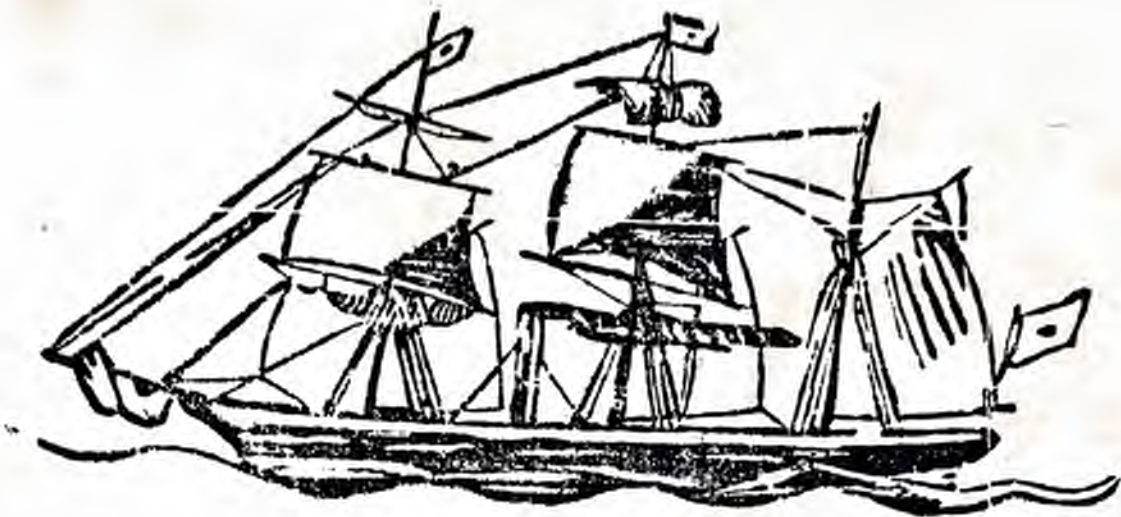
DECLARAÇÃO

A empreza da publicação do *Rocamble* tem o prazer de annunciar ao publico que os taes sete volumes annunciados á venda abrangem apenas a primeira parte dos Dramas de Paiz, pelo preço de 10\$500, parte que nós mesmos publicamos por menos 5\$ rs., pois que estamos a terminal-a.

Distribuiu-se hontem as folhas 45.ª e 46.ª do—ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

O professor Adelino da Silva Oliveira declara que mudou a sua aula de primeiras letras para rua dos Algibebes n.º 9.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 52

Preço á assignatura — 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

5 DE JUNHO DE 1869.

N. 513.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
4 de junho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguesia de Sant'Anna, pedindo-lhe que empregue meios, afim de fazer dispersar uma sucia de moleques que se reune todas as noites na porta da egreja matriz, na occasião em que ali se celebra as trezenas de Santo Antonio, á pintarem o *pirúta*. Espera-se providencias.

—A sociedade dos Veteranos da Independencia acaba de offerecer ao professor Francisco Alvares dos Santos o diploma de seu socio honorario.

—Foi bem merecido; o professor Alvares dos Santos é um patriota ás direitas.

—Uma distincção destas honra mais do que quanta condecoração anda ahí pelo peito de muito tratante.

—Quanta consternação, meu Deus!

—O que aconteceu, homem?

—Que quadro horroroso!

Quatro envenenamentos n'uma casa!

—Santo Deus! Em que logar?

—Na Rua do Paço, em casa do Sr. Antonio José de Castro.

Uma preta que vendeu, enganada, mandiocca por aipim.

—Que lastima!

—Duas creanças já expiraram e duas estão para isso.

—Que fatalidade!

Deus queira confortar o desolado pae em tão apertado transe.

—Em tudo ha de apparecer a maldicta politica.

Alguns cidadãos entenderam crear um regimento intitulado—*Regimento Argollo*—sem ideia politica alguma, e deitaram uma subscrição na loja do Sr. Alipio, á rua Direita de Palacio, na qual se acham assignados homens da politica conservadora e liberal.

—Mas o que tem isso; o que quer V. com essa sua catilinaria?

—Eu me explico.

Alguns conservadores, entendendo que ahí ha ideia politica, pretendem tambem crear um regimento denominado—*Duque de Caxias*.

—Já ouvi um conservador fallar nisso, e me convidou para esse regimento, que tem de se formar no largo Dous de Julho.

—E V. Ex. accitou o convite?

—Eu? Pois eu vou lá me envolver em um regimento que tem o nome do *grande valentão* do Paraguay? Era preciso que eu fosse um asno.

—O que elles estão procurando é uma des-harmonia para a noite do dia 5 de julho.

—E' o que me está parecendo.

Diabo leve estes politicos de borrar! Ellos são causadores do atrazo do Brasil!

—Capitão, ouça o Barão de S. Lourenço, passando uma sarabanda no duque de Caxias, que disse que o que restava fazer da guerra era missão de capitão do matto.

—Estou attento.

—Veja:

SENADO

Sessão em 22 de maio.

Presidencia do Sr. visconde de Abaeté.

O SR. BARÃO DE S. LOURENÇO.—.....

«Ora, quando nossas tropas tem uma missão desta ordem, não é licito dizer-se que a campanha está reduzida ás condições de guerra de capitães do matto (apoiados dos Srs. Paranaguá e Zacharias,) não é isso o que nosso exercito está fazendo; a campanha actual tem por fim, e grande fim, assegurar o fructo de nosso triumpho (apoiados dos mesmos senhores,) prevenir que nossas victorias não sejam inutilizadas, como podem ser, até por algum descuido. A campanha actual, pois, é tão honrosa como a anterior.»

—A accusação não pode ser mais formal, nem partir de melhor fonte.

—Por la se avenham.

—A assembléa provincial de Pernambuco acaba de dar uma prova de elevada animação ao principio de nacionalidade.

—E' o que serve.

—Approvou no dia 18 do passado, em segunda discussão um projecto, que só permite serem empregados nos estabelecimentos da Santa Casa, brasileiras e brasileiros natos.

—Bravo! Isso é que chama-se acrysolado patriotismo!

Que differença da assemblea desta provincia que está a esgotar os dous mezes em puerilidades; cada deputado a lançar recriminações ao governo deixando o bem-estar do povo a parte.

Qual foi o projecto de utilidade que apresentaram? Concessões de loterias, aposentadorias e discursos acintosos.

—Tem apparecido graves accusações contra as intituladas irmans de charidade que lá, como aqui são a mesma cousa.

—Isto é, um fardo mofado, uma elicção barata do jesuitismo.

—Uma folha exprime-se assim a respeito:

«Consta terem sahido da casa dos expostos, meninas pardas e pretas para criadas, e que ahí andam indecentemente pelas ruas, como captivas.

Em um quarto escuro, esteve uma menina de 7 annos, quasi morta á fome, por ter faltado o respeito a superiora, e me dizem que o Sr. Pireti a conservou n'este estado para não perder, a tal superiora, a força moral.

As expostas são muitissimo maltratadas, a razão porca e miseravel, que lhes dão as irmans de caridade, não chega para se alimentarem em tanto um irmão da Santa Casa fiscalizando, em quanto que achou

para alimento das expostas, em um dia de proceito, bacalhau, e umas pernas de carangueijo, indo á dispensa, encontrou magnificas cavalas, doce, queijo de todas as qualidades, e muito vinho, para tratamento das irmans de caridade, e doces de todas as qualidades, tanto nacionaes como estrangeiros, conservas, o quanto regalo se poderia apeteecer.

E' para isto que se expelle d'essas casas as brasileiras?

Não procuremos saber o que fazem as irmans de caridade aqui. Digam-me, vem de França buscar-se brasileiras para as obras de charidade que la se praticam? é possivel soffrer-se o insulto de meia duzia de velhacos, que fazem melhor suas obras com os estrangeiros, e que não confiam nos brasileiros; insulto que offende a honestidade, moralidade, recato, e aptidão de nossas patricias?

—Muito bem! E' preciso enxotar essas vestaes dos boulevards.

Do *Diario do Povo* transcrevemos os versos, que os soldados cantam em Assumpção nas horas de recreio.

São estes:

Quem chegou até a Assumpção
Acabou a sua missão!

Si o Lopez ficou no paiz

Foi porque o marquez o quiz!

Quem marchar pr'a Crodilheira

Faz uma grande asneira!

Pobre gente, que, descontente e desesperada da sua sorte, ja faz da *bulha, chacota*.

—Si no Brazil se procedesse assim, o peculato não seria a norma de muito empregado publico; a venalidade e o suborno não andaria tão em moda.

—Que razão tem para dizer isso?

—Faço estas reflexões ao ler este trecho da correspondencia de Londres, para o *Jornal do Commercio*:

«Teve logar ultimamente o julgamento perante o jury de dous empregados do almirantado accusados de terem recebido dinheiro de um negociante afim de preferir-o no fornecimento de madeiras para um dos nossos arsenaes. Provado o crime, foram condemnados.»

—Meu charo, isso é la na Inglaterra, paiz de excentrecidades; aqui passa-se a mão pela cabeça do empregado corrupto e acaricia-se-o até; o sorventuario honesto morre na obscuridade.

Á PEDIDO

—Um logista, muito tratante, sendo visinho de um outro que não usava das suas tricas, causava-lhe isto terrivel encommodo, e procurava por todos os meios logral-o, ja arrancando-lhe os freguezes, ou desacreditando-lhe os generes.

Um dia, chegou á loja do modesto negociante uma preta a procurar botinas para creanças, e de feito levou uma caixa dellas

para escolher; porem não sendo a dita preta quem voltasse com as botinas e a importância de um par que ficou por engano, o portador foi entregar na loja do tal *esperto*.

Este encaixou um par dos alcaides que tinha para vender, e filou os cobres do par de botinas vendidas e com todo descaro foi entregar a caixa de botinas na loja de seu visinho, dizendo que por engano levaram na sua e que a preta dissera que as botinas não serviam!

— Quanto desfaçamento!

— O logista lesado, que já conhecia a Boa rolha do visinho, tratou de averiguar o caso e chegou ao conhecimento da tratantice, pondo tudo em pratos limpos.

— E o sujeito ficou com a cara maior do que a de um cavallo!

— O que para elle vale tanto como um copo de doce.

Quem não tem vergonha todo mundo é seu.

Pede-se ao marôto, ilhéu, (espião de policia) que caide na sua taberna, afim de tirar a subsistencia para sua familia, e poder dar conta de si aos credores, (*ainda que já seja proprietario*) e não se metta com tanto interesse na vida alheia, (quem tem rabo não se assenta) nem introduza tanto o nariz no O do subdelegado do districto dos Mares, que pode o seu narigão, de alguma vez, sahir com as ventas tão cheias que morra asphyxiado.

Trata de ti, meu seboso, que é preciso: não faças do teu balcão, á noite, recreio da familia; fecha tua venda ás nove horas como fazem os outros que não são aduladores, e finalmente, bruto, malvado, não battas no teu filho a miudo, a ponto de deixá-lo descadeirado, nem em tua esposa com um feixe de lenha, como fizeste na penultima semana, cujo resultado foi abortar no dia seguinte.

Rosa do Monturo.

AO PUBLICO.

Tendo o coronel Domingos Rodrigues Seixas levado em sua companhia para a côrte o pardinho Eloy, despachando-o caviliosamente na repartição da policia como seu escravo, quando elle se acha mantenido em sua liberdade por despacho do juizo municipal da primeira vara desta cidade, previne-se disto ao publico desta provincia e da côrte, para que ninguem contracte a compra do dito menor, visto como sua mãe está disputando a favor de sua liberdade com o coronel Lourenço de Souza Marques, que á pretende reduzir a escravidão.

Ignora-se a forma miraculosa por que conseguiu o coronel Domingos Rodrigues Seixas,

justificar na policia o dominio do referido menor e obter o seu despacho para fora da provincia; o que é certo é que, achando-se elle em companhia de sua mãe, desapareceu de uma noite para o dia e foi *precipitadamente* despachado como escravo e embarcado.

Prevenindo-se ao publico para que não caia na esparrela de fazer uma compra evidentemente nulla, tem-se tambem em mira invocar a salutar attenção do digno Dr. chefe de policia para semelhante facto.

— O' sôr cara de cholera morbus, está satisfeito?

— De que? Porque?

— Conseguiu o seu intento...

— Estou tão fora!...

— Não comprehende?!

Bem diz o adagio—que quem dá se esquece.

Mas si eu não dei em ninguem, senhor.

— Ora, vou lhe contar uma historia, para ver se cahe em si.

Nesta Latronopolis ha um ente, verdadeira figura de espantalho, cor de cêra do Santo Sepulchro, um typo, que, ao encaral-o, inspira tedio e asco. Seu talhe é o de um deforme esqueleto; assemelha-se a um fugitivo da colonia do padre Varella.

Traja sobre-casaca abotoada, calças brancas ou de ganga e guarda-sol debaixo do braço.

E' sua predilecção aspirar a brisa embalsamada da praia.

Ao vel-o de penna atsz da orelha, acredita-se que é um *escrivão*.

Não sei si é a preguiça que habita nelle, ou elle *habita na preguiça*.

Tem entranhas de cão damnado; malfazejo como um sicario.

Da bocca de cancella escancarada, so vomita bilis e improperios contra todos os caracteres.

O individuo de quem trato apaixonou-se perdidamente por uma deidade cor de cobre, a qual, si lhe dá attenção, é para sugar-lhe os cobres, mesmo que a sua idade não lhe permite obter mais.

Paiorra renitente, vive a fazer *arrelhas* com a volúvel rapariga, e coitado do vivente, de quem elle desconfie de que por acaso levantou os olhos para ella.

O pobre é victima do mais entranhavel odio, e o hypocrita põe-se de *tueta* á espreitar occasião, em que possa exercer uma vingança cobarde e occulta, tirando a sardinha com a mão do gato.

Condescendendo com os caprichos e imposições da inconstante Dulcinea, entende que

deve voltar seu rancor para aquelles contra quem seu desordenado zelo infunde suspeitas.

Preste-me bem attenção, porque é aqui que a historia entra em seu periodo interessante.

Foi recrutado, á pretexto de mau comportamento, um rapaz, homem que, apesar de viver na cidade, tem habitos *silvestres*.

Si elle era bem ou mau comportado, não importa.

O que lhe posso affiançar é que o tal pae de egoas, dominado por vil e baixo resentimento que lhe gerava o mais nojento ciúme, achou que era azado o ensejo de tirar uma vingança infame, que elle aspirava ha muito tempo, e descartar-se daquelle que elle julgava perturbar-lhe a inteira posse de sua deusa.

Foi ao chefe de policia, fez a mais negra descripção da conducta do rapaz. fel o chefe da quadrilha do vivo, disse que era o mais perfeito ladrão de gazua, que em sua casa tinha eseadas de cordas, caponas e todos os utensis necessarios aos larapios. Intercedeu, pediu, rogou; empenhou o valimento de seu irmão que então andava no *estrangeiro* feito *ministro*, e afinal conseguiu que o homem fosse para o sul, não lhe valendo, o ser filho unico de viuva e sustentar sua mãe, o ser sargento da guarda nacional e prompto, a requisição dos seus commandantes, a inspecção em fim de saude. (Continúa).

VARIÉDADES

EPIGRAMMAS.

A' UM CANTADOR.

«Tua mulher morreu hoje,
E tu andas a cantar?

—Hoje canto por dinheiro,
Para poder a enterrar.—

A' FILHA DE UM ESCRIVENTE.

«Teu pae por dinheiro escreve
De dia aos advogados,

Tu escreves noite e dia

—Gratis— para os namorados.

Certa senhora acostumou um filho a nunca ser contrariado em desejo algum por extravagante que fosse, de maneira que o maleradinho era uma furia contra qualquer que lhe negasse uma cousa. Estando um dia essa senhora em boa companhia de visitas, ouviu no proximo jardim os brados raivosos do filho que repetia em gritos:

—Quero ella! Quero ella!

A mãe corre ao jardim, rompe em injurias

contra o criado—á esta hora, tratante, negaste alguma cousa a meu filho; que desaforo!... dê-lhe ja o que elle quer.

Nisto chega o marido e mais companhia e perguntaram: Que é isto? O que foi? Que aconteceu? O criado respondeu calmo: Senhoras, o menino viu a lua dentro d'agua deste balde, quer por força que eu pegue a lua e que lh'a dê.—Todos dispararam a rir, mas a mai ficou tão corrida e envergonhada que dahi por diante mudou de systema em tal criação de filhos.

CHARADAS TIBURCIANAS.

O cavallo cõr de ganga (2) da filha de minha filha (2) vae na bocca da espingarda.

Nota (1) que decide a sorte no jogo (2) e faz sentinella.

Aqui (1) depressa (1) dá nma fructa.

A mulher que não é boa (1) agarra com cinco dedos (1) n'uma boa fructa.

Pé de animal (2) que levanta caça (1) serve para comprar os melões.

ANNUNCIOS

AULA DOUS DE JULHO.

Este novo estabelecimento de educação, preparado com todo esmero, pelo seu proprietario o professor Adelino da Silva e Oliveira, acha-se mudado para a freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, e funciona na casa n. 9, á rua dos Algibebes; onde foi a eschola do finado professor Paula Amor, e tambem do Sr. Ladislau.

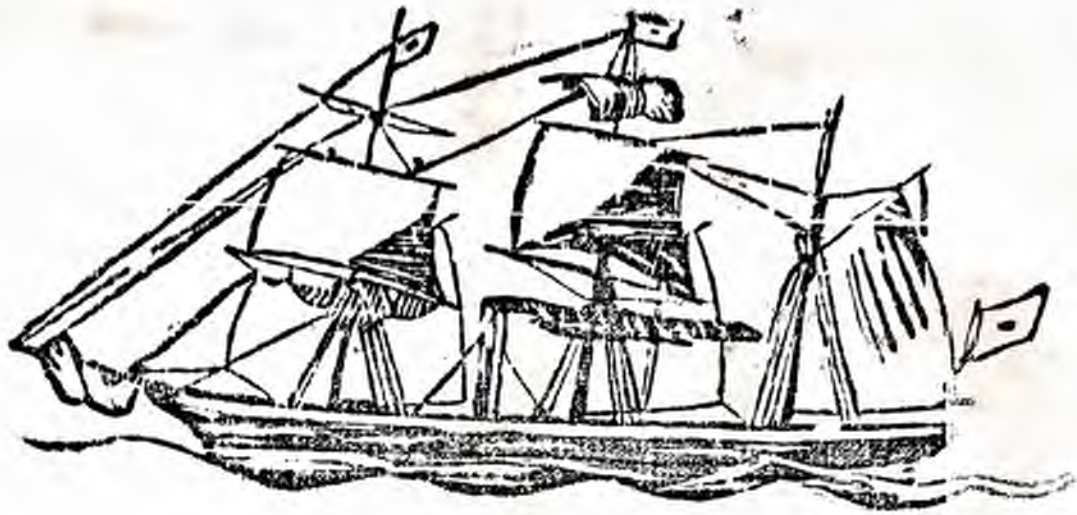
Ahi ensinar-se-ha primeiras lettras e dansa (por ora), e alem destas aulas haverá á noite um curso da lingua franceza, principiando do 1 de junho.

Para o ensino primario, o mesmo professor tem adoptado o 1.º e 2.º livros de leitura do Dr. Abilio, director do Gymnazio-Bahiano, a Constituição politica do imperio, e o desenho linear de sua composição.

O ensino primario será feito em uma só sessão, das 8 horas da manhan ás 2 e 1½ da tarde.

Cosme Damião de Santa Rosa, convida a seus amigos e aos do fallecido Estevão José Chrispim do Rosario a assistirem a missa que pelo repouso eterno do mesmo se ha de celebrar segunda feira 7 do corrente na egreja matriz de Sant'Anna.

Typ. de Marques, Aristides e S.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 52

Preço á assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

9 DE JUNHO DE 1869.

Ns. 514 e 515.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
8 de junho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. delegado inspector do theatro, pedindo-lhe que, por seu intermedio, seja advertido o empresario da companhia lyrica, a ver si é possivel arredal-o da ridicula economia de conservar o theatro em trevas até depois de sete horas nas noites de espectáculo.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, dando-lhe sciencia da vida desregrada que levam duas *centopeias* á rua de Baixo n. 16, alcunhadas por *Mariquinhas e Chiquinha*, as quaes transviadas de todas as regras de decencia, praticam actos revoltantes e indecorosos, como na noite de sabbado em que sem respeito a moral proferiam as mais obscenas palavras. E' de justiça que S. S. as faça conter.

Portaria ao muxingueiro Evaristo, ordenando-lhe que, munindo-se de um sortimento das suas infalliveis bollas, saia pelas ruas desta cidade a administral as á multidão de cães que atormentam ao publico. Cumpra.

—Estas missas pedidas....

—São uma especulação inventadas pela ociosidade.

—Um meio de vida, muito em moda actualmente, adoptado pelos vadios.

—E sancionado pelos nossos padres!

—Que dahi fruem interesses; é uma especie de ganha-pão para elles.

—Tão intolerantes que são, entretanto que animam, pelo exemplo, uma industria torpe! Jesus Christo, que generosamente derramou seu sangue para libertar a humanidade, é collocado debaixo de um ponto de vista vil e interesseiro!

Por uma garrafa de azeite ou uma vela de libra faz apparecer objectos perdidos, por uma missa pedida cura qualquer molestia!

—O Senhor das Misericordias que perdoa os peccados do mundo, recebendo dadas para fazer milagres!

—E ha até quem leve a hediondez de fazer promessas para que o amante arrufado volte, para a realisação de um casamento etc.!

—E os padres vão approvando e até propagando essas ideias em seu proveito; e recebendo o producto das promessas.

—O resultado é que, si um ou outro, em boa-fé, tira missa pedida para pagar a Deus, por intermedio do padre que chupa os cobres, o milagre que lhe fez, uma alluvião de espertos faz disso meio de vida, illudindo a charidade publica!

—Nas quintas feiras sobe de ponto; uma chusma de pedintes, machos e femeas, abalroam o publico com as missas pedidas para o Senhor do Bomfim.

—Ainda dado que o Ser Supremo fosse tão avaro que vendesse milagres, ou sou de opinião que so devia prometter quem tivesse para dar, e não prometter para depois andar atropellando os outros.

—Uma vez que quem tem obrigação fecha os olhos ao escândalo, olhando so para o lucro que resulta, resta pedir a policia que tome á sua conta essa immensidade de pedintes que cruzam as ruas de pratinho na mão, a tirar missas pedidas.

—Ora veja:

O governo brasileiro que pouco se lhe dá com a instrucção de seus patricios, que a difficulta mesmo, creando pesados impostos, impossibilitando assim que quem é pobre, se matricule em qualquer aula de instrucção secundaria.....

—Tem muita razão:

—..... que deixa immensas de nossas povoações centras sem a educação primaria; tem a fertil lembrança de crear escolas de primeiras letras para os prisioneiros paraguayos.

—E' muito bom isso!

—O que lucra o governo que os prisioneiros paraguayos saibam ler, quando elles, finda a guerra, necessariamente voltarão a seu paiz?

—E que não voltem:

—E isso quando nossos infelizes patricios ja são tratados como cães; quando brasileiros de consideração; escravos no Paraguay, são votados a pesados e ignominiosos trabalhos; são açoitados; aqui mandá-se ensinar a ler aos paraguayos prisioneiros, sobrecarregando o povo com essa despezas mais!

—Que vergonha! que miseria!

—E o que é mais, o Sr. D. Pedro 2.^o anima essas escolas com sua presença!

Ouça o *Jornal do Commercio* e cubra o rosto de pejo:

«VISITAS IMPERIAES.—S. M. o imperador, acompanhado de seus semanarios, visitou hontem a escola militar da Praia Vermelha; assistiu ás lições das aulas preparatorias de mathematica e de portuguez e da escola de primeiras letras dos prisioneiros paraguayos...»

—Entretanto a provincia do Piahy e outras não tem uma aula de instrucção secundaria!

—Foi a assembléa no sabbado?

—Fui; tomei assento nas galerias.

—O que houve por lá de importante?

—Homem, o que vi de mais foi o Dr. Freire debruçar-se na meza e pôr-se a dar

advertisse que elle não podia dar apartes da meza, que fosse para as bancadas, elle respondeu asporamente ao presidente.

—E este não o chamou a ordem?

—Chamou-o, dizendo que esperava que não o obrigasse á fazer com que elle mandasse ler o regimento interno.

—«Que me importa com o regimento, respondeu o Dr. Freire.»

—«Não me faça usar dos poderes que me confere o regimento da casa, pois que V. Ex. deve ter um caracter digno de representante que é da provincia, disse o presidente.

—«Indigno é elle! A palavra indigno, torna-se digna de seu caracter, retorquiu o Freire.

—«Atenção! atenção!»

«Chamo á ordem o nobre deputado, disse com força o presidente.»

—O Dr. Freire não teve razão, por que isso é um proceder improprio de um representante da provincia.

—Apoiado!

—Capitão, um meio fácil dos proprietarios cobrarem de seus inquilinios os alugueis de suas propriedades!

—Temos cousa! Qual é elle?

—E' uma lição que acaba de dar o Sr. Correia com padaria a Estrada Nova.

O Sr. Correia tem uma casinha velha, verdadeira arapuca; junto ao becco do Ferrão que alugou a uns ferreiros, e como estes lhe estivessem devendo alugueis, na sexta-feira, indo cobrar-os, e os sujeitos não tendo para pagar, agarrou nos pés direitos da droga, e deu com parte dellá em baixo.

—Safa! Nem o Nicolo dos Dramas de Paris tem tanta força!

—Os ferreiros correram carregando toda ferramenta e foram se refugiar no Paraguay.

—Já Lopez não é tão mau como se diz, que consentiu aos ferreiros ficarem em seus dominios trabalhando!

—Não é o Paraguay, o paiz governado pelo despota Lopez, é um logarejo mesmo na Estrada Nova, onde o Sr. Para-assu fez uma porção de casinhas, que se denomina assim.

—Ora vá elle!

—Ora entendá-se os politicos desta terra! O centro liberal composto de senadores aconselhou ao povo que não tomasse parte nas eleições.

O conselho de abstenção fundava-se no argumento de que no estado de compressão a que a dictadura arrastou o paiz, era improprio e até perigoso entrar no pleito.

O povo abandonou as urnas.

—Entretanto agora são os proprios sena-

dores que vão com suas presenças sancionar os actos da dictadura!

—Ainda depois de vencidos na sessão de 17 do passado, em que o governo deixou bem patente a impotencia dos senadores dissidentes para arrancar-lhes qualquer reforma, continuam elles com suas presenças a reconhecer e legalisar os actos de prepotencia da dictadural

—E creia o povo em tal gente!

—Capitão, um barulho na ladeira do Carmo.

—Em que dia?

—Hontem, 7.

—Quem fez o barulho?

—O portuguez Vicente Ferreira, que deu terriveis pauladas em sua mulher.

—Um marido que exemplifica sua chara metade! Que nos importa isso?

A policia que tome conhecimento do facto.

—O barão de S. Lourenço este anno deve estar impagavel!

—Ja principiou no senado com as suas anedotas e historias bernardas, no que é insigne.

Começou fazendo rir aos senadores e povo das galerias com a historia que contou, de que chorou muito quando foi receber na ponte de Riachuelo, o general Argollo, á quem disse elle, ter creado de --pequenino—sendo depois o seu perceptor, etc, etc.

—Ora esta!

Quem perguntaria ao nobre barão por tal historia?

—Que quer V.? E' preciso que haja sempre um que divirta os outros.

—V. Ex. foi a assembléa assistir o discurso do Dr. Silva e Almeida?

—Fui; fiquei entusiasmado pela maneira porque elle orou.

—Então faça-lhe um elogio?

—Não precisa; o nome do distincto orador faz todo seu elogio!

—Dizem que distribuiram pelas galerias uns pasquins contra o honrado orador, e que lhe deram alguns assovios.

—Ah! isto partiu de uns *capachos* conservadores que lá estavam de proposito para fazerem anarchia; no entanto que o governo mandou uma força maior que a do costume para assembléa, suppondo haver algum barulho; mas, felizmente, si houve anarchia foi tramada pelos seus proprios *rabo-levas*.

—Consta que o Dr. Zama protestou contra o procedimento do governo, de ter mandado maior força sem requisição da meza.

—E fez muito bem em protestar.

—Mas em resultado, o povo o que ganhou?

—Nada, como sempre.

—Sobre a impopularidade desta guerra com que ha cinco annos flagella a este pobre povo, o governo do Sr. Pedro 2º, diz a *Opinião Nactonal*:

«Cada dia mais que decorre vae a guerra do Paraguay despindo o character nacional que se lhe emprestara, para revelar o character pessoal que lhe deu origem.

«E' sabido que Lopez pai, querendo constituir para seu filho F. Solano uma monarchia no Paraguay, com acordo previo e especial agrado do Sr. D. Pedro II. sentira mais a necessidade, para divinisa-lo entre os *divinos*, de uma ALLIANÇA com a familia imperial.

«Lopez tinha, como tem, todos os predicados de um tyranno; faltava-lhe somente a consagração do sangue real.

«E o Sr. D. Pedro II, que tanto afagava e que era o apoio da nova monarchia paraguaya, foi tambem escolhido para contribuir com o sangue que, no conceito do guarany, devia dar-lhe a sancção da purpura.

«Lopez não queria ser imperador como Faustino Soluque; mas como Napoleão I, commetteria um repudio para aparentar-se com a casa d'Austria.

«E a coroa paraguaya, divinizada por essa alliança de familia, seria tambem, no caso de luta com as republicas, inevitavelmente sustentada pelas armas brasileiras.

«Offerecendo a sua proposta, Lopez evita a confusão dos dous imperios.

«Mas a logica do futuro rei guarany foi tomada como uma grande affronta pelo visinho protector.

«A nota respectiva, ja então no governo de Solano Lopez, não teve ao menos as honras de uma resposta qualquer, até que cansado de esperar, o enviado paraguayo regressou sorrateiramente para o seu paiz.

«Feridos profundamente, o imperio pela insolencia de Lopez e Lopez pelo desprezo do imperador, ateou lhes o mais vivo odio latente e reciproco.

«Lopez que se armara cuidadosamente para inaugurar a monarchia paraguaya absorvendo territorios visinhos (eis porque o Brazil nunca se preveniu contra esse extraordinario armamento!) desde então premeditou vingá-lo.

«Nesta situação... Falle por nós o confidente familiar do Sr. D. Pedro II, o celeberrimo Sr. general Webb.

Nesta situação:

«O novo presidente nomeado para Matto-Grosso, o Sr. Campos, teve de tomar o vapor *Marquez de Olinda* e seguir para o seu destino. Tendo forçosamente de passar pela Assumpção, capital do Paraguay, cujo governo estava em relações de amizade com o Brazil, e onde residia um de seus ministros devidamente acreditado, o Imperador entregou-lhe uma carta autographa dirigida ao presidente Lopez, participando-lhe em termos muito amigáveis e como acto de cortezia, que tencionava casar a princeza imperial e sua irman a—PRINCEZA LEOPOLDINA.—»

«Era a primeira resposta que recebia Lopez ao seu pedido de casamento!

«Estava cheia a medida! A explosão foi rápida!...

«Continue o Sr. Webb:

.....
e que em consequencia disso, declarava que desde aquelle momento, o Paraguay estava em pé de guerra com o Brazil que o vapor *Marquez de Olinda* ficava tido como presa, o presidente Campos e todos que se achavam a bordo seriam como prisioneiros de guerra. O vapor foi incontinenti e o presidente Campos feito prisioneiro e remettido para o interior: desde essa epocha até hoje, quasi tres annos, nada se sabe d'elle, nem o destino que teve.»

Apreciando nesta parte com o seu reconhecido talento a decantada nota do Sr. Webb, o prestimoso collega do *Diario Fluminense* opina do seguinte modo:

«Estas revelações do Sr. Webb, feitas assim ao paiz inteiro nas collunas do *Jornal do Commercio* teem por fim fazer saber que—o facto da communicacão do casamento das princezas em termos de cortezia, foi o motivo estrondoso de estrondosa explosão das iras do presidente Lopez contra o Brazil, e dos seus actos immediatos de hostilidade!

.....
«Algum acto de Lopez, do qual só o imperador teria então sciencia, entendente com os casamentos, e de que nunca dera conhecimento ao paiz, não considerado, e respondido directa e francamente, provocára a guerra com o Paraguay!»

O character pessoal dessa malfadada guerra ainda mais se denuncia desde que o imperador confiou-a a seu proprio genro.

Conscio da affronta feita ao chefe da divindade brasilica, o Sr. conde d'Eu se vingará e viugal-o-ha certamente melhor do que o seu ajudante de campo.

Uma correspondencia de Montevideu acrescenta:

«Na mobilia encontrada na alfandega de Buenos-Ayres, pertencente ao dictador do Paraguay, mas dirigida á Mme. Lynch, a qual foi posta em leilão nesta semana, achou-se o molde em gesso de uma corôa imperial, que tem dado logar á muitas conjecturas.

«Suppõe-se ter sido encommendada por Lopez para mandar preparar para elle a coroa que pensava cingir quando realizasse o seu projecto de dominação no Rio da Prata.»

LA VAE VERSO

O QUE E' A POLICIA?

Ando tonto e atrapalhado
C'um problema endiabrado;
Mas de interesse geral.
Dae-me, ó sabios da escriptura,

De uma tal magicatura
A resolução cabal.
Quero o valor deste—X—!

No Brasil onde se diz
Que o systema é liberal,

O que é a policia?

Grandes doutores,
Legisladores,
E vós, senhores
Governadores,

Resolvi-me este problema,
Respondei-me sem malicia,
No nosso systema
O que é a policia?

E' bicho que tem de seu
Mais braços que Briaren;
Mais pernas que a centopeia;
Um nariz diglo de estudo.
Pois é nariz que *cheira tudo*,
E que em tudo latrapeia;
Tem mais olhos que um mosquito.
Sendo alem do que está dito,
Aranha de immensa teia,

Eis a policia!...

Grandes doutores,
Legisladores,
E vós, senhores
Governadores

Resolvi-me este problema,
Respondei-me sem malicia,
No nosso systema
O que é a policia?

Delegados e inspectores,
Pedestres e agarradores,
Seus braços e pernas são;
E esse exercito chibante,
Forma a teia em que ella ovante,
Envolve toda a nação;
E é dos seus olhos sem fim,
Cada olho um beleguim,

Um disfarçado espião;
 Oh, que policia!
 Grandes doutores,
 Legisladores,
 E vós, senhores
 Governadores
 Resolvi-me este problema,
 Respondei-me sem malicia,
 No nosso systema,
 O que é a policia?

Sustento que é coisa feia;
 Sem tratar da vida alheia,
 Que a policia hoje em dia,
 Na politica enterra o dente,
 No civil tem força ingente,
 Nas eleições faz folia,
 No municipal penetra,
 Na imprensa, tal... et cet'ra
 Ostenta soberania...

Oh, que policia!
 Grandes doutores,
 Legisladores,
 E vós, senhores
 Governadores

Resolvi-me este problema,
 Respondei-me sem malicia
 No nosso systema
 O que é a policia?

Doccira como ella só;
 Em fazer um pan-de-ló,
 Não a eguala ninguem, não!
 E faz gosto ver a arte
 Com que as fatias reparte
 Pela gente de feição!
 Por isso, em geral conceito,
 Ella é com todo o direito
 Mestra da conciliação.

Oh, que policia!
 Grandes doutores,
 Legisladores,
 E vós, senhores
 Governadores

Resolvi-me este problema,
 Respondei-me sem malicia
 No nosso systema
 O que é a policia?

E ainda com poderes tantos,
 Apesar de taes encantos,
 Que a põe acima da lei,
 O que a policia tem feito,
 Do nosso povo em proveito?
 Palavra, que pouco sei,
 Dorme sempre o tão ferrada
 Que é raro vel a acordada,
 Si alguém grita aqui d'el-reil

Oh, que policia!
 Grandes doutores,
 Legisladores,

E vos, senhores
 Governadores
 Resolvi-me este problema,
 Respondei-me sem malicia,
 No nosso systema
 O que é a policia?

Que indolente tinha sido,
 Que quasi sempre dormido,
 Tenha para nosso mal,
 Que a policia ande á tôa,
 Que não seja, má nem boa,
 Que a liberdade é fatal,
 Digam lá o que disserem; —
 Seja tudo o que quizerem
 Mas não é constitucional,
 Esta policia!

Grandes doutores,
 Legisladores,
 E vós, senhores
 Governadores
 Resolvi-me este problema
 Respondei-me sem malicia,
 No nosso systema,
 O que é a policia?

(Extr.)

À PEDIDO

—Diz o *Radical Paulistano*:

«LICÇÃO APPROVEITÁVEL.—Pensa o Sr. D. Pedro 2.º que não se deve fazer a paz com o Paraguay sem *depor* Lopez. S. M. pensa bem, quando o mal vem de cima é necessario *depor* o *chefe*.

Decoremos esta licção.»

—Capitão, que pepineira!

—Ja vem V.?

—Não, capitão, este mundo é para quem sabe viver; quem é tolo anda sempre com a pelle na barriga.

—Homem, não me esteja a martelar a paciencia; si tem o que dizer desembuche.

—Quer saber de uma nova?

—Diga.

—Appareceu um sujeito que vota ogerisa aos quebrados.

—Não entendo.

—Um cujo que só paga conta redonda; as fracções chama a sua folha.

—Costumes do Sul,

—Mas nós estamos em Latronopolis.

—Ao passo que o homem faz de conta que está lá!

—Neste caso é preciso que a *policia* ande alerta com o cujo.

—O melhor é os prejudicados reclamarem.

— Bem bello! Só si V. Ex. não soubesse o que é uma insubordinação.

— Mas então o que é elle?

— Chefe da *companhia da frente*.

— E' a primeira vez que ouço fallar nella.

— Quando eu digo que a *policia* de V. Ex. está atrazada...

— Quer saber, não me masse; vá se queixar ao Almeida do trem.

— Ou ao Barboza dos *permanentes* que é o mesmo.

— Sr. *Moreirinha*, que acção triste!

— O que foi, Sr.?

— Pois V. tão deslavadamente armou-se com os *vinte bagos*?

— Quaes vinte bagos?

— Aquelles do *processo verbal*, do arrombamento do homem das *peles grossas*, lá para a *moenda da Conceição*.

— Recordo-me; mas o que ha?

— O que ha é que os dous estrangeiros da *estrada de pau* prestaram-se a *decidir* de graça e o Sr. arrumou na conta vinte bagos para elles e *chulou-os*.

— Que novidade!

Si se prestaram de graça foi em obsequio a mim; e eu guardando o que lhes tocava, não fiz nada de mais.

— Com que desembaraço diz V. isto!

Para a incorruptibilidade de quem quer *authoridade* para julgar os mais, a prova não pode ser mais cabal!

— O que quer dizer semelhante ajuntamento?

— São soldados do 8.º, que costumam vir aqui para a rua do Tijollo, tomar suas *ponchadas de cajuleorum*, mas logo que *sinha Lili* entra na brincadeira, começam a provocar.

— Trocam as bolas; elles que deviam apaziguar, tornam-se os perturbadores!

— Ora está! E' isto que V. está vendo!

Este tal *João Grande* quer pular o balcão daquella venda para rachar o dono e quebrar tudo quanto ha dentro della.

— O peor é elle estar a desconceituar o nome do barão de Passé, dizendo que nada lhe acontecerá, pois que tem elle por si, como si o barão fosse patrono de turbulentos e desordeiros.

— No Paraguay a se precisar de gente valente e ella a abundar tanto por aqui!

— Meu charo, *professor*.....

— Viva!

— Tenho gostado de o ver.

Depois que assentou praça no regimento

de Cupido, procede á noite ao mais severo recrutamento.

— Exigencias naturaes; tributo á que a gente não se pode esquivar.

— Mas então que carreira foi aquella?

— Ora deixe-me.

— O *professor* entrou so p'ra tomar ares na quella loja....

— Phantasiiei que estava no *Barbalho*.

— Porem ao dono da casa pareceu ouvir rumor de duas sombras.

— Quando desceu com o cacete ja eu andava longe.

— Mas para um homem no seu caso, uma carreira, uma assuada, uma vaia dos capotes, pode abalar-lhe o conceito.

— Ora adeus!... todos são de carne e osso.

— Guardando as conveniencias, procedendo em certos actos com reserva.

— Historias! O que está, está, o mais gastou-se.

— Que impudente e safado!

Querer que lhe fiem, por serdes vós quem sois!

— Com quem é isso?

— Com aquelle cara estanhada, de sobrecasaca ensebada e bonet agaloadado.

— Parece ser *pharmaceutico*.

— Entretanto anda se intitulado de capitão *Barbosa*!

— Mas então o que fez elle?

— Foi a uma mulher na rua da *Cathedral* e exigiu que lhe fiasse um alqueire de farinha e como esta se recusasse, disse todo assomado:

«— Pois, V. tem receio de fiar um alqueire de farinha a um homem de minha posição!

«— Não posso, meu senhor; o dono não me deu ordem.

«— Não conhece o capitão Barbosa?

«— Não senhor.

«— Bom, deixe estar.

No outro dia voltou o cynico.

«— Então ja se informou quem sou eu? Está disposta a me fiar a farinha?

«— Ja disse, que não posso, meu senhor.

«— Não pode! Pois conte com um inimigo! V. desfeiteou-me! Tenho amigos e posição e hei de lhe fazer todo mal.

«— Faça o que Vm. quizer.»

— Que tratante! Queria por meio de ameaças arrancar o genero da pobre mulher!

— E dizem que a gente do olho vivo é só quem anda roubando carteira!

— E que os saltadores são somente os que vão para a estrada!

— Safa!

Isto assim é de mais!

—Assentam aquellas duas creaturas que estão n'um ermo onde ninguém os vê!

—Como o gato sahe para a rua, os ratos fazem o que querem.

—O maldicto *casrabulho* encosta-se quotidianamente a janella desde dez da manhã até as duas da tarde!

—E ahí apertam-se mãos, dão se beijocas, beliscões, apalpam-se os seios e quanta patifaria ha!

—Si eu não visse, não acreditava! Tenho conhecido muita gente arrojada, mas para afrontar o pudor como aquelles dois, ainda não!

—E' preciso pedir ao muxingueiro do Alabama, que passe na ladeira do *Tiro*, bem perto da *Doença* e tome nota nesta casa.

—Noventa e oito vezes no dia que elle passe, ha de ver este feio spectaculo.

—E que a vergalhadas tanja este biltre que vive a perverter uma moça; a qual, por seu procedimento dá motivo a que sua reputação seja pouco acatada.

—E antes de tudo, é preciso fazer respeitar a moralidade publica!

EPIGRAMMAS.

A' UM MÉDICO.

«Meu douctor, seu tio o chama. . . .
Elle morre, ande ligeiro. . . .

—Eu a curar só me apresso.
Quando a cura é por dinheiro.

A' UM PAROCHÔ USURÁRIO

«Porque tanta choradeira?
Porque um homem morreu?
Tomara sempre defunctos,
Pois com isso engordo eu! . . .

—A's suas ordens, capitão, si bem que me dissesse hontem, que viesse hoje mais cedo para conversarmos, não me foi isso possível, pelo que prevaleço-me do proverbio que diz—mais vale a quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga—feito pois esse exordio, entremos na tal *miscellanea*.

—Rapaz, V. estava bom para ser pregador de sermões, embora fosse desses de *meia cara*: que pelos seus *desregramentos* cahisse no desagrado de seu respeitavel bispo, embora finalmente fosse desertor de sua freguezia, porque tudo quanto V. quer dizer, começa por um preambulo, por um exordio que lhe serve de thema.

—São cousas, capitão, deixemos isso de parte, o entremos na materia.

Logo depois da morte da sogra do Mellorio, veio a essa cidade seu cunhado *Randolfe*; e

então conversando com um herdeiro desse casal disse em presença de algumas pessoas, que *Mellorio* muito devia ao casal, porem que por equidade não se devia fallar nisso, pois que elle estava reduzido aos ultimos apuros, e que não tinha com que pagar, e o proprio filho do *Mellorio* asseverou tambem de ser seu pae devedor ao casal; entretanto que na conta por elle apresentada para o inventario figura como credor.

Disse mais o tal *Randolfe*, que ella tambem muito devia ao casal, e que por descargo de sua consciencia ia desistir da herança que lhe podesse tocar, e que o funeral de sua mãe tinha sido feito somente por elle, porque assim o devia de praticar, pelo que não se devia fallar em taes despezas no inventario. Mas sabe no que resultou toda essa affectada sinceridade, de combinação com *Mellorio*, e com a *approvação evangelica do tal Fradeco*, a quem já tinha passado procuração bastante para desistencia da pequena herança? Vergonhosamente retrata-se, constituindo-se com direito ao que lhe possa tocar em partilha, e para quasi saldar o muito que devia ao casal, segundo elle mesmo confessou, apresenta uma conta propriamente de *grão-capitão*, admittindo nella as despezas por elle feitas com o funeral da propria mãe, e mais as despezas com o funeral de uma irman, fallecida ha immensos annos; e sem o menor documento comprobatorio, e isto para contrabalançar com a conta apresentada pelo *Mellorio*, a respeito do funeral da outra irman; e finalmente para augmentar as cifras de sua conta, diz o *Randolfe*—que deu mais ao *Mellorio* sem documentos e por quatro vezes a diminuta quantia de quatrocentos e quarenta e tantos mil réis, e todas essas gentilezas praticou para constituir-se apenas devedor do casal da diminuta quantia de trezentos e tantos mil réis.

—Homem, V. sabe, esses homens mamaram *sangué de cameleão*, pois a cada momento mudam de cores, ou então querem mangar com o publico, suppondo que os meritissimos, rectos e probos Dr. juiz de orphãos, e Dr. curador geral dos orphãos, hão de fechar os olhos a todas essas *esperiezas*.

—E' verdade, capitão, elles la sabem, no que se fiam, entretanto que não recciam, que V. Ex. mande o muxingueiro ajustar essas contas com elles, e o que mais me admira, é ver a sem cerimonia e *innocencia* do tal Sr. *Mellorio*; o qual alem de subnegar o escravo, na celebre declaração por elle apresentada, não faz menção dos ganhos da escrava, nem dos alugueis recebidos de uma das casas, dizendo, que depois da morte da sogra,

o tal *fradeco* é quem os tem mamado, e isto por sua alta recreação, pois que direito algum lhe assiste para assim praticar, e menos ao *Mellorio* para nisso consentir, salvo se entra nas meias anatas, pois o tempo não está para graças, e estamos na epocha do *venha a nós*.

—Rapaz, diga-me por favor, V. hoje ainda tem mais que desembuchar?

—Capitão, paciencia, eu acabo ja; não posso terminar, sem lhe pedir um conselho e vem a ser. O que devo fazer para o inimigo não me entrar no corpo, pois o tal *fradeco* diz que me hade amaldiçoar, e eu tenho muito medo dos espiritos malignos, e muito mais dos espiritos desse *fradeco*?

(*Continúa.*)

VARIÉDADES

ENIGMA.

Com dous escrayos eguaes
Andamos toda estação,
Sua origem e nação
Descendem dos cabedaes;
Elles differem dos mais
Pelos cortes e figuras
Nossas plantas são seguras,
E suas bocças aquecem
Pelo rôsto, se conhecem
O não serem creaturas.

DESENGANO..

Passando um rei do Oriente por uma serra onde ermava um Derviche penitente, deu com elle todo attento a contemplar uma caveira.

—Que fazes ali, servo de Deus? perguntou o principe.

—Procuo já ha muitos dias, respondeu o santão, ver si posso descobrir si esta caveira pertencia á monarcha ou a mendigo.

SABBADO E DOMINGO.

Quero, e não queres; quererás e não quereirei. Esta maxima, ao que parece, é d'um philosopho arabe, e deriva-se da seguinte historia:

Um judeu e um christão conversavam juntos, e em boa amizade, a borda d'um poço.

Cahi o judeu dentro do poço sem muito perigo, porque tinha pouquissima agua, e o christão correu logo a procurar uma escada para o tirar.

Chega com ella e dispunha-se a collocal-a, quando de dentro lhe gritou o judeu:

—Olá, amigo, não tenhas trabalho, porque não subo pela tua escada; é hoje sabbado.

Ficou pois o resto do dia, e durante toda a noite que se seguiu, dentro do poço, e bem refrescado d'agua, e no outro dia de manhã indo o seu camarada saber como elle se achava, gritou-lhe de dentro o judeu:

—Uma escada em nome de Deus, traz uma escada.

—O ceu me defenda de tal, amigo: é hoje domingo e não se trabalha, respondeu o christão.

LIÇÃO A UM FATUO.

Luiz XI de França, para dar a mão ao commercio e levantar-o do abatimento em que jazia, sentava muitas vezes a sua meza os negociantes mais distinctos, e mais illustrados do reino. Um dia, certo negociante, desvanecido e incitado por semelhante distincção, pediu ao rei que lhe dêsse carta do nobreza. Luiz XI concedeu-lh'a immediatamente, mas nunca mais o sentou á sua msza. Mostrou-se o novo fidalgo admirado d'esta differença; e, em certa occasião em que se encontrou com o rei, manifestou-lhe o seu pesar.

—Ide, senhor gentil homem! respondeu-lhe Luiz XI; quando eu vos fazia sentar á minha meza, via em vós o primeiro da vossa condição; hoje, que sois o ultimo d'aquella a que desejustes subir, faria uma injuria aos outros nobres si vos estimasse tanto como a elles.

Luiz XI passava por um tyranno; mas, digam-nos, que philosopho levou mais longe a justa apreciação dos homeus e das coisas?

CHARADAS TIBURCIANAS.

Roupa de beata (2) no jardim (2) faz tinta.

Sem companhia (1) na musica (1) deita-se quem quer descansar.

Cabeça pellada (2) corre sem parar (2) aos pés de Christo.

Excrescencia dos pés (2) no alphabeto (1) desespera os credores.

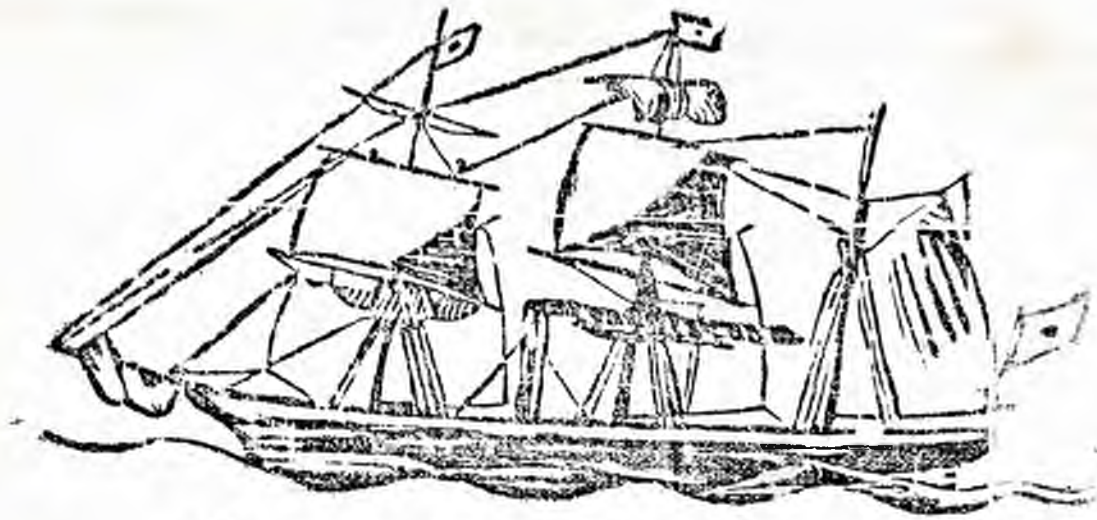
O principio e fim do homem (1) sendo letra grega (2) anda sempre a sonbar.

A explicação das charadas do numero antecedente é—*Bayoneta; Soldado; Cajá; Mamão; Patacão.*

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 49.^a do—RO-CAMBOLE.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço á assignatura—4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 52

BAHIA

12 DE JUNHO DE 1869.

N. 516.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
14 de junho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, communicando-lhe que as mulheres da rua de Baixo n.º 46, em lugar de melhorarem de vida, tornam-se cada vez mais dissolutas, e dizem publicamente que assim praticam por que contam com a impunidade por ser S. S. do numero de seus frequentadores, aleivosia, que, S. S. comprehendendo, muito deprecia o seu character de authoridade.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, requisitando-lhe uma medida energica que faça conter nos justos limites da decencia ás moradores do 2.º andar do sobrado n.º , Atraz da Sé, as quaes além da vida irregular que triham, levam a afouteza á ridicularisar e apupar senhoras respeitaveis que passam; facto este que amiudadamente se dá e ainda na quarta-feira ultima se reproduziu com uma senhora que pela sua idade devia infundir algum respeito a taes filhas de *Jesuralem*; á vista do que, de S. S. espera-se prompto correctivo.

—Ao mesmo, observando-lhe que, tendo se plantado arvores no Terreiro para commodidade publica, com grande trabalho e despeza, não é razoavel que os meninos e moques estejam a esfolhar-as e estragal-as com pedradas, para tirarem as fructinhas das

mesmas, em vista do que, pede-se a S. S. que todas as tardes, hora em que se fecham as escolas, mande para ahi dous guardas afim de dispersar os referidos meninos.

—Ao Illm. Sr. engenheiro fiscal da estrada de ferro.—Constando ao commando deste navio que o inspector do trafego mandou, no domingo, 6. dous passes de 1.ª classe para dous individuos de Alagoinhas virem jurar a favor da estrada, em uma questão com um tal Barreto; e como seja isso contrario ao regulamento dessa estrada, sirva-se S. S. do syndicar do facto, e dar as providencias que o caso urge.

Portaria ao fiscal de Sant'Anna, lembrando-lhe o cumprimento de seus deveres em relação ao largo da Saude, reduzido actualmente a solta de gado, pastagem de carneiros e porcos e criação de patos e gallinhas. Cumpra.

—A assemblea provincial estes dias esteve tumultuaria.

—Depois da moção do Silva e Almeida.

—A immuniade da tribuna tem sido desacatada; os deputados insultados.

—Si se fosse a avaliar pelas demonstrações partidas das galerias, de certò que mui triste ideia se devia fazer da civilisação deste povo!

—Homens sem criterio, verdadeiras excrescencias da sociedade, cobertos de vicios e até crimes, de um passado negro, vão para ali dar assuada e atirar traques de massa nos representantes da provincial!

—Si os deputados não cumpriram bem sua missão, si mentiram ao mandato da provincia, si esqueceram-se do povo, para tratarem de interesses pessoais; si as paixões politicas cegou-os a ponto de converterem a tribuna em arena de desabafos e despeitos, puna-os o povo não os reelegendo; mas não vão os beleguins insultal-os.

—E o que é para admirar é a policia, que em outras epochas tem se mostrado tão rigorosa naquello recinto, estivesse impassivel a todos esses desmandos e os soldados applaudissem com riso a tão deponente scena!

E até alguns a paisano fizessem coro com os anarchistas!

—E o que é mais vergonhoso é que portuguezes fossem tomar parte na assuada!

—E o partido que se diz da ordem, no poder, fermentando tão hediondo quadro!

—Não sou apologista da assembléa de 68 a 69, sei que ella não se conservou na verdadeira altura em que devia, que não curou dos interesses do povo, que decretou ouerosos impostos, que deixou mesmo passar alguma bisca; porem revolta ver que os agentes da policia andassem arrebanhando meia dúzia de miseravéis para irem fazer desordem, e insultar os eleitos da provincia no legitimo direito do uso da palavra.

—Com semelhante desenfreamento onde iremos parar? Aberto o exemplo, quaes serão as consequencias?

—O pobre povo brasileiro, é quem paga as favas.

E adeus.

—Venha cá. Vamos dar um bravo ao Zama pelo discurso patriótico que pronunciou no encerramento da presente sessão.

—Pois va feito.

—Capitão, ja soube do incendio que ia havendo?

—Onde?

—No hospital da Santa Casa.

—Para mim é novo

—Então escute.

Não sei si ja lhe disse que o enfermeiro dos doídos, um rapaz brasileiro, desempregou-so e que em seu logar foi admittido um francez.

—Estou certo,

—Bem: esse estrangeiro de costumes depravados e character excessivamente dissoluto, dá-se ao uso immoderado da embriaguez, e nesse estado trucidava os infelizes entes cegos da razão com castigos inauditos.

Na quinta feira, no maior auge da bebedeira, espancou brutalmente a um desgraçado doido de tal sorte, que as proprias irmans de charidade acharam demasiado o castigo.

Não como correcção, mas para curtir a borracheira, *François* foi trancado na rouparia.

Vendo-se retido, o endemoninhado francez batteu como desesperado, quebrou tudo e como não

lhe abriram, lançou mão de uma caixa de phosphoro que trazia, e atacou fogo a immensidade de roupa suja que ha no deposito.

—Que desasudo!

—O incendio estava bem adiantado quando deram por elle; os doentes foram postos em trabalho, abriu-se o chafariz e depois de muito trabalho conseguiram dominal-o.

—Está a moralidade dos estrangeiros, em beneficio dos quaes se arranca o pão aos brasileiros!

Eis a ordem, a disciplina que reina no hospital depois que os estrangeiros femeas e machos fizeram delle seu patrimonio!

—Para que o facto não se divulgasse, porque o *dilecto François* deve continuar empregado no hospital, não quizeram que o Collegio desse signal de incendio.

—Estão no seu direito!

—É o empregado do hospital, que fallar na rua sobre o incendio, será deitado para fora.

O enfermo que tratar delle será posto a pão e agoa e preso no quarto escuro — é a ameaça.

—Si fosse um brasileiro sabia de lá amarrado, era logo processado por incendiario, ou, quando nada, remettido ao chefe de policia para ter praça na primeira linha e recommendado como homem perigoso e de costumes pervertidos.

—Não ha policia nesta terra?

—Ha.

—Não ha!

—Não ha como, pois si ha o chefe della?

—É uma cabeça sem corpo.

—Pois V. chama cabeça sem corpo, quando ha delegados, subdelegados, inspectores de quarteirão e um batalhão de policia, de que é commandante o Sr. major Marinho?

—Mas com tudo eu ainda sustento que não ha policia.

—Concordarei, si me disser primeiro a razão que tem para isso.

—Ante-hontem (8) no Areal de Cima, ás 2 horas da madrugada, pouco mais ou menos, duas mulheres esbofetaram-se terrivelmente, e depois da encarniçada luta de bofetadas, retiram-se e foram para suas casas, armaram-se de navalhas e vieram para medirem as armas, o que não realisaram por apparecer um homem, como mandado pela Providencia, que as apartou, acompanhando uma dellas a sua morada.

Agora diga-me, si ha policia, como V. diz, de que serve ella?

—Respondam-lhe os homens da ordem!

—Em quanto o governo brasileiro onera os cofres com a despeza de mandar ensinar a ler os paraguayos e dá-lhes commodidades e recreios, veja nossos patricios prisioneiros no Paragnay o que passam.

São extractos do relatorio do major Cunha Mattos, commandante do 4º de artilharia, que esteve prisioneiro.

Eu não quero que o governo, assemelhan-

do se a Lopez, trate aos paraguayos com tanta crueldade; porem tambem fôem tanto nem tão pouco.

No dia 19 foram recolhidos a guarda proxima ao meu aposento diversos brasileiros orientaes, e argentinos, prisioneiros e passados, os quaes depois de acotados, eram engrilhados e levados a presenca dos fiscaes oahi muitas vezes de novo acotados. Eu ignorava o porque daquella barbara scena que se passava a minha vista e que com outros se reproduziu nas duas vinte e vinte um e seguintes. Entre esses martyres vi praças de meu corpo, que difficilmente foram por mim reconhecidas, pois achavam-se completamente desfiguradas pelos trabalhos, fome e maus tratos que recebiam.

A vinte e um o capitão João Pedro foi encontrado pelos paraguayos ja fora das linhas de Curupaity e dahi levado outra vez a Maioria.

Engrilhado e conduzido a guarda de que fallei, nella permaneceu por alguns dias o infeliz capitão com a face voltada para o nascente durante a manhã e para o poente durante a tarde!

O triste espectaculo por mim presenciado durante alguns dias, e assim os soffrimentos physicos e moraes que me acabrunhavam, deram logar a que me fosse abatendo, sobrevindome em principios de dezembro uma forte diarrheia de sangue, que ao terceiro dia poz-me em estado tal de fraqueza que eu não me podia levantar.

Fui remettido então para o hospital, sempre debaixo de guarda, além de uma espia que me acompanhava constantemente; alli encontrei, mercê de Deus, o humano Dr. William Stuart, que tendo cuidado de mim com todo o desveio, quanto não me pudesse curar, salvou-me a vida, transformando a enfermidade em uma disenteria simples, que mais tarde pareceu-me chronica, e que finalmente desapareceu sem o uso de nenhum remedio, e não tendo mais do que o ceu para casa, a pelle para coberta, agua fria e carne sem sal para alimento!

No hospital tive informação de que no numero dos prisioneiros fuzilados estava o alferes de cavallaria brasileira Machado, que antes de ser executado protestou em altas vozes contra o procedimento iniquo do tyranno, que mandava tirar-lhe a vida por uma simples suspeita, quando não estava provado o crime de que era accusado.

Vi-me coberto de piolhos, persevejos, moquiranas e quanto insecto asqueroso se encontra sempre em edificios onde ha uma accumulacao de pessoas superiores a sua lotação, não podendo por esse e ainda mais por mil motivos conservar-se o seu interior se quer mal limpo.

Enfermidades de todas as especies grassavam no calabano. O cholera não fazia estragos; a lepra, e muitas outras a sede, a diarrheia e o vomito das habitações daquelle infernal prisão.

Officiaes da envolta com soldados, obrigados pela necessidade quasi que ao communismo, homens de todas as classes e considerações, ladroes, assassinos, desertores, tal era o circulo de que então me vi rodeado.

Falleceu tambem alli o venerado conselheiro brasileiro Barbosa, que me referia ter sido conservado exposto ao tempo por espaço de trez annos, não recebendo do Estado mais do que carne sem sal e agua.

O conselheiro Barbosa, assim como os demais brasileiros de cuja morte fui testemunha occular, entregou assim como a Deus com a maior tranquillidade, quando não fosse de contínuo fornecer-se aos moribundos os socorros espirituaes em uso na igreja catholica.

Fui conservado exposto ao tempo por alguns dias

assistindo ao fallecimento do tenente Campos, que, como os demais prisioneiros, morreu sem soccorro al-

Eu havia perdido as esperanças de viver, sendo que todos os recursos me faltavam. Então não tinha eu com a roupa mais do que uma velha camisa de algodão e um pedaço de fio de côco, que coberto dos inevitáveis piolhos, para quem achava-se nas minhas circumstancias, servia mais de martyrio do que de coberta.

CARTA AO MILAGROSO PADRE SANTO ANTONIO.

MEU QUERIDO PADRE SANTO ANTONIO.

Calcanhar do Mundo, 12 de junho de 1869.

Saúde, Senhor, é desnecessario appetecer-vos porque a tendes em completa perfeição, pois ca pela terra não consta que os Santos adoeçam, e, nem que no ceu hajam hospitaes; dinheiro tambem não, porque, não só professaes pobreza pelas vossas virtudes, como vos é inutil esse genero na presenca do Omnipotente, onde os bens são dados gratuitamente, a quem os merece; e por conseguinte que vos devo desejar? A graça de Deus que é o anzol de ouro, com que se pescam os saborosos peixes do Paraíso celeste, para serem comidos com tranquillidade d'alma.

Senhor, por vossa bondade perdoae a confiança que tomo de vos importunar com esta carta. O motivo é urgente, e como neste valle de lagros a peste tem sido geral, ja não ha quem a cure; os medicos são os mais atacados, e por conseguinte eu vos rogo que me mandeis de lá um habil, ou alias alguma dose de elixir ante-banhalho, para se dar aos doentes que são immensos. Esta terrivel enfermidade que tem o titulo de — *Surripia-morbis* — tem contaminado a quasi todos, inflamando o estomago do povo apresentando uma sede *metallina*, e uma febre intermitente safada. Appareceram ultimamente uns doentes com grandes manchas pelo corpo em figuras de papeis pintados, uns cor de roza, e outros esverdeinhados com debuxos miudos; outro doente aqui á tempos teve uma gran-grena tão grande na casaca que lhe cahiu a aba com 260 temores; encontram-se pelas ruas homens que d'antes eram muito magros, e hoje estão enormes com hydropesias tão dinheiras que nem se podem arrastar, cada um delles tem dentro da barriga mais de doze mil canadas de agua de cobre: os proprios medicos que deviam cuidar da saude publica, são os mais achacados, sentem uma tal esfallação na algibeira, que pedem caldos de sustancia, e os pobres doentes que dependem delles não tem outro remedio senão darem; estamos a espera de ver os cyurgioes-mores da do hospital da Praça o que fazem; mas

disem que a maldita doença até já atacou por lá! Meu Santo Antonio, valei-nos por caridade, senão desta vez tudo se acaba, ido vós em pessoa pedir ao Senhor Padre Eterno que tenha pena de nós; eu vos rogo pelo vosso dia 13 de junho, dia do vosso festejo, pela vossa trezena, pela vossa coroa, pela vossa infinita misericórdia, misericórdia.

Uma Vossa amante e humilde creatura.

(*Extr.*)

Á PEDIDO

Sr. redactor.—Foi V. illudido e o publico com a publicação de um artigo em seu periodico de 5 do corrente.

O pardinho Eloy, que foi para o Rio de Janeiro em companhia do coronel Seixas, era escravo do coronel Lourenço de Souza Marques, que o houve por legitima de sua mulher no inventario do capitão Luiz Evaristo de Cerqueira Campos.

Um *quidam* de nome Herculano Dantas, que vive amasiado com uma escrava do dito coronel e que allega ser ella forra, não obstante ter tido sempre sentenças em contrario, e accordãos do superior tribunal da relação, requerem tambem mandado de manutenção para o dito pardinho, mas o coronel Lourenço destruiu essa urdidara e obteve contra-mandado, em virtude do que não só foi preso o dito Eloy, como muitos outros escravos, que estavam nas mesmas condições.

Esteja, portanto, o publico prevenido contra os ataques dos cães que depois de ladrarem a lua, pretendem morder aos que vão seu caminho sem delles dar fé.

Um que sabe.

(*Continuação do n.º 542.*)

—Esteja attento, e veja pelo fio deste trama infame, si conhece a perversa creatura, que, sem pejo, praticou a mas vil e negra acção.

Ha entes de índole tão maligna, corações dotados de tanta ferocidade, a quem nem o pungente soffrimento da desgraça, nem as lagrimas da orphandade, nem a desolação da viuvez são capazes de arrancar um sentimento de compaixão!

Almas de marmore, impassíveis, assistem a dor e consternação alheia!

Corações frios ante quem o acerbo spectada dor alheia os recreia!

Vasados no crysol da perversidade, ha homens, que sentem a alma transbordar-lhe de infernal jubilo, quando acham meio de agravar os males dos outros.

Tal é o homem infernal a quem retrato.

A inconsolavel e desamparada mãe do rapaz recrutado, sabendo quem era o author do sua desgraça, por ter seu filho incorrido em suas iras, foi lançar-se-lhe aos pés, implorando-lhe que não lh'o tirasse, pois elle era seu unico arrimo, o apoio da velhice della, pobre viuva, a quem um pedaço de papel escripto, chamado lei deste paiz, dizia que tinha nelle um amparo na falta de seu marido.

A fera porem não se commoveu. Com o maior sangue frio respondeu:

«Mulher, veio muito tarde; agora elle ha de embarcar.»

Com o coração amargurado, sem esperança, sahiu da casa da vibora a infeliz mãe e viu com os olhos arrasados de lagrimas, e o coração partido de dor seu filho embarcar como recruta!...

Neste paiz, a lei é uma palavra morta, em relação aos direitos do pobre e desamparado, e por isso é que o homem de habitos *silvestres* foi recrutado, somente em homenagem ao capricho immoral de um carrança lascivo e sensual.

Porque os malfeitores, os larapios, os reus de policia pululam aqui em Latronopolis, sem que a policia tenha a lembrança de recrutá-los; e admittindo que elle tivesse todos esses senões, não é com recrutamento que se punem crimes e delictos; visto que a lei tem em si os meios de reprimil-os.

Mas, como era preciso satisfazer aos ciúmes do irmão do ministro, foi recrutado o homem que, pelo simples facto de ser filho unico de viuva e sustentar sua mãe, estava isempto.

(*Continúa.*)

ANNUNCIOS

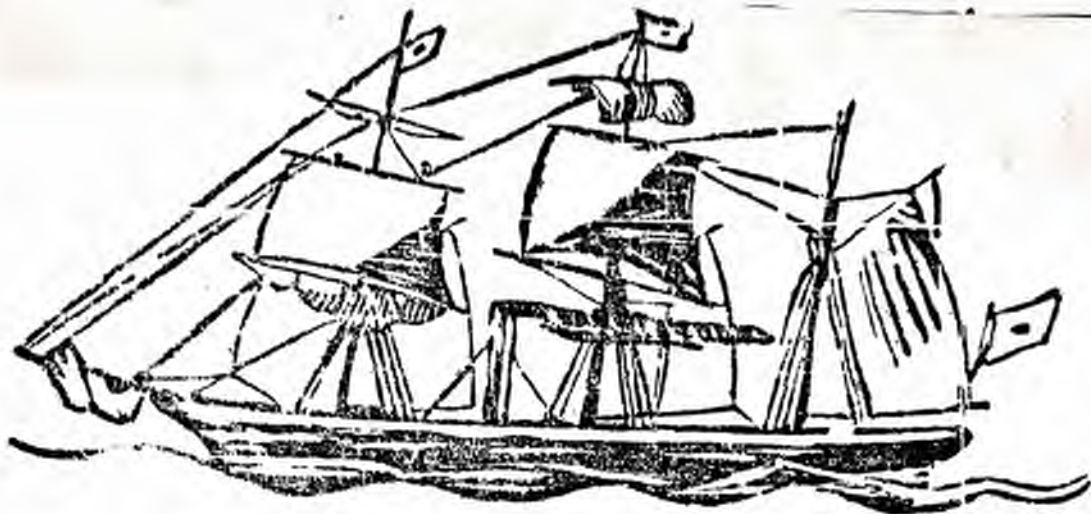
AOS DEVOTOS DE SANTO ANTONIO.

O abaixo assignado, escrivão da devoção do Glorioso Santo Antonio da matriz de Sant'Anna, tem a honra de parteeipar a todos os fieis e com especialidade aos que fazem parte desta devoção, que a festa do mesmo Santo, terá logar no dia 13 do corrente mez com toda a pompa e magnificencia: pregará ao Evangelho o Rvd. padre mestre pregador imperial frei Antonio da Virgem Maria Itaparica, e a noite na trezena o padre mestre Procopio José Rufino. Na vespera haverá illuminação e um balão ás 9 horas, e no dia terminará o festejo com um pequeno e lindo fogo de artificio.

Bahia 10 de junho de 1869.

Tibercio Nunes da Silva Freire.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 52

Preço a assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

17 DE JUNHO DE 1869.

Ns. 517 e 518.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
16 de junho de 1869.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que lance suas vistas para o estado da rua de Baixo, que está quasi intransitavel, principalmente em um tempo chuvoso como o em que estamos.

Que ideia fará o estrangeiro, vendo uma das nossas principaes ruas, como é ella, reduzida a um completo lamaçal?

Si a Illma. não pode mandar calçal-a de novo, em vista de se acharem seus cofres desfalcados, ao menos mande tomar-lhes os buracos, fazendo assim um beneficio ás pessoas que se veem obrigadas a nadar por dentro da lama e spera-se ser attentido.

(A' mesma. no mesmo sentido, sobre a rua do Tinguí e ladeira da Palma.)

Portaria ao fiscal do curato da Sé, ordenando-lhe que dirija-se ao sobrado n.º 11, ao Canto de João de Freitas, e depois de examinar o estado de immundicia em que se acha o pateo desse sobrado, pespegue nos moradores delle a competente multa, asim de que sejam acciados, e não prejudiquem com essa falta sua saude e a de seus visinhos. Cumpra.

—Que terra, meu Deus!

Onde ja se viu uma terra como esta!

—O que ha?

—Passei agora pelo bêcco do Ferrão e tomei um formidavel banho d'agoa podre que me atiraram de uma casa.

—Vá se queixar a policia.

—A policia não dá cavaco com essas cousas!

—Capitão, o Sr. L. C. Silva Lisboa acaba de obsequiar-nos com um folheto intitulado

—*O Inspirado e o Abraço fraternal das nações*, o qual é dedicado ao amigo do Sr. Lisboa, o Dr. Frederico Marinho d'Araujo.

—Mande agradecer-lhe a delicadeza.

—Bom regalo tem os moradores desta rua!

—Arrengo!

Levar constantemente a soffrer uma fedentina desta!

—E não querem que haja febres, pestes, catharros, etc.

—Admira como é que na rua da Saude se deixa perenemente tão immundo charco, cujo tijuco exhala nauseabundo e pestilencial fetido!

—E a paciencia com que os moradores aturam um mal tão prejudicial á sua saude.

—Si hão de clamar no deserto, soffrem resignados.

—Capitão, gostei de ver o Portella no ultimo dia de sessão d'assembléa provincial.

—O que fez?

—Disse que era conservador, mas que amanha podia ser liberal, *taes fossem as circumstancias.*

—Ora essal E quem dávida?

—Em todo caso em tempo de calor é bom que a gente se va sangrando na veia da saude.

—A assemblea provincial de Pernambuco, este anno, tem se mostrado digna representante do povo que a elegeu.

—Ja approvou em 3.^a discussão o projecto para so poderem ser empregado nos estabelecimentos pios brasileiros natos.

O illustrado Dr. Maximiano Lopes Machado em um discurso monumental, patenteou abusos e escandalos das irmans de charidade que parecem incriveis.

—Discutiá-se tambem um projecto authorisando o governo a dispendêr 20:000\$ rs., com alforrias de creanças.

A tal respeito diz o *Jornal do Recife* de 3 do corrente:—

«Na assembléa provincial discutia-se hontem o projecto de lei que autorisa o governo a dispendêr a quantia de vinte contos de réis, em alforrias de crianças.»

Falhava o Sr. Dr. Pedro de Aranjó Beltrão, deputado pelo terceiro districto, em favor deste projecto, e aproveitando o ensejo da discussão, declarou que seu pae, elle, seus irmãos e mais parentes, por mutuo accordo, conforme documento assignado que exhibiu e leu, consideram livres a todos os filhos que suas escravas possam ter de agora em diante.

Tão magnanima acção não precisa de commentarios, para ser devidamente apreciada: accrescentaremos somente que a familia do Sr. Beltrão, sendo numerosa e abastada, possui numero avultado de escravos, o que dá ainda mais valor á resolução tomada.

Como era de esperar, a assembléa recebeu com applauso esta declaração, e, a pedido do Sr. Dr. Ayres Gama, foi ella consignada na acta com menção honrosa.

Por nossa vez aqui tambem a consignamos, fazendo votos para que tenha numerosos imitadores na provincia e por todo o imperio.

Certo de que assim ha de succeder, alegrá-nos sobre modo a idéa de que a iniciativa de tão magnanima acção partiu do seio de uma familia pernambucana.»

— Que sobressaltos não teve aquella familia!

— E nem era para menos.

— Escapou por felicidade.

— Podia ficar toda esmagada debaixo das rodas do outro carro.

— E' preciso confessar que houve falta de cuidado.

— E grande.

— Não posso comprehender como é que se manda para a rua um carro em tal estado.

— Na carreira em que vinham todos tres, o do meio largou as rodas e os passageiros foram ao chão.

— Foi bom ser aqui na rua da Misericórdia, si é om alguma ladeira.

— Eu entendo que certas emprezas devem ser muito pichosas, não só por interesse de seu credito, como para evitar um sinistro da ordem do que se ia dando.

— E que a policia compete tambem inspeccional-as, afim de que o povo não esteja exposto a perigos muitas vezes irremediaveis.

OS ADULADORES.

Vamos aventurar alguns desconchavados pensamentos que por certo não hão de agradar a muita gente, porem não nos dirigindo directamente a ninguem não pode haver motivo de queixa.

Ha espalhada pela superficie da terra uma familia tão numerosa, que em qualquer canto do mundo se encontram immensos membros della: Desde a côrte até á mais remota villa, desde essa remota villa até o mais deserto sertão, ahi estão os membros dessa familia com o mesmo typo, a mesma linguagem, a mesma religião!

E' a família dos aduladores.

Tem havido convulsões politicas que fazem estremecer o mundo! Tem corrido rios de sangue, tem se ceifado milhões de vidas tudo para melhorar a sorte dos humanos, tudo emfim em nome da liberdade!... entretanto quando cessam esses cataclismos o povo está em peiores circumstancias do que estava, porque mais se observa o servilismo nos homens e por consequencia mais escravidão!!!

E que proveito se tira da adulação? Recber as vezes algumas migalhas (quando recebe) dos predilectos da fortuna e ser tratado como escravo!...

Entretanto, introduziu-se de tal maneira esse vicio execravel, que os homens de fortuna já se acostumaram a se corresponder com o povo somente por meio da adulação; do contrario não pode haver communicação entre elles.

Tem chegado a tal ponto essa baixeza miseravel que o vicio ja não é vicio, a infamia ja não é infamia quando essas qualidades estão reunidas no individuo que tem fortuna.

Ainda hontem ahi andava um ente desprezível, objecto do maior desprezo. Pois bem, com um proceder infame mettu-se em traficancias e a fortuna que sempre faz asneiras, protegeu-o de tal modo que em pouco tempo ahi o temos cheio de riquezas. Vêde agora a mudança rapida que se opera, aquelles que ainda hontem tanto desprezavam e até aborreciam esse individuo, são os mesmos que hoje o adulam descaradamente e lhe fazem os maiores elogios.

E não ha meio termo: tendo dinheiro ou cousa que o valha, embora seja um monstro, é bello; tem todos os attrativos e encantos: não tendo dinheiro, seja embora um anjo, é objecto de desprezo e até de odio! E' horrivel.

O homem, que ainda não está corrompido, quando observa estas cousas, sente tal nojo que o seu desejo é fugir deste mundo de tantas misérias... Falla-se tanto em civilização, progresso e liberdade: entretanto so se vê adulação e servilismo, que tudo quer dizer escravidão. Si a civilização e progresso consistem na grande somma da adulação que se tem desenvolvido, então temos muita civilização, muito progresso e muita liberdade; mas, si essas vantagens que fazem a felicidade dos povos vem a ser os individuos comprehendem seus direitos e deveres, e ter a independencia propria de cidadãos livres, oh! então, ai de nós! não temos dado um passo do tempo do despotismo!...

Não temos inveja de riquezas, nem temos desesperação da pobreza, porque conhecemos assaz este mundo o que é e o que vale. O que nos revolta, e como a nós a muitas pessoas, é vermos o desprezo que se vota á virtude quando ella se acha no coração do homem pobre, de maneira que, com esta doutrina infernal, está se ensinando os homens a serem ladrões para adquirirem bens, porque em luzindo alguma cousa, ninguem quer saber d'onde veio,—o essencial é luzir...

Com esta doutrina horrivel o que tem conseguido é obrigar os homens ao suicidio por que muitas pessoas vendo o furor com que se festeja a riqueza e o desprezo revoltante que se vota á pobreza, quando não podem obter aquella, recorrem á pistola, ao veneno ou a outro qualquer meio de acabar a vida: Eis contra o que fazemos nossas queixas.

LA VAE VERSO

Carta do capitão do «Alabama,» a seu correspondente na corte—o Patusco.

Amigo e charo Patusco, —
Ha bem tempo decorrido,
Q'uma minha, p'ra regalo,
V. não tem recebido.

Mas agora, atarracal-o
La vou com esta de estuêha,
Que talvez por mui cumprida
Lhe pareça alguma buêha.

Ahi nessa Babylonia,
Me diga, que vida leva?
Como vão todos de casa,
Inclusive a Santa Eva?

Tambem V. esquecido

Mostrou-se por uma vez!
No periodo de um anno
Nem si quer uma me fezi

Ceguei até a pensar,
Por andar tudo apertado,
Que tivesse V. sido
P'ra guerra designado.

Nem algum signal no ceu
Poderia apparecer,
Si na epocha actual
Viesse isso a acontecer.

Pois que casados com filhos
D'aqui tem seguido aos centos,
Aleijados e decrepitos,
E ficado os turbulentos.

Mas, chegando aqui o Braz,
Não pensei mais desta sorte;
Pela via delle soube
Que V., stá bom e forte.

Por tanto, ponha-se attento,
Porque la vae obra grossa;
Receio que enfastiar-lhe,
Pelo tamanho, esta possa.

Accenda, pois, sem demora,
As caldeiras da attenção,
E da curiosidade,
Deite lenha no fogão;

Que la vae com casca e tudo
Uma penca de noticias,
Que lhe hão de dar no gotto,
E mergulhal-o em delicias.

Porem, antes que me esqueça,
Quero ja lhe perguntar:
Com que o Jequitinhonha
Vae á Roma passeiar?

E' muito certo o ditado
Que diz—«ah, mundo! ah, mundo!
Em ti quem não sabe andar
Tropeça e vae logo ao fundo.»

Ejse capacite que é
Verdade não contestada,
—Saber viver—é que é tudo,
Que o river não é nada.

Feliz d'aquelle vivente,
Que ás costas traz a maromba,
Dançando na corda bamba
Para onde o vento tomba.

Mas deixemos o visconde,
Fraindo em amplo socego,
Por conta da tal missão
O que lhe deram de achego.

Vamos ao que ha por ca...
Sentido! Ponha-se alerta,
Que ha pedacinhos que põe
Um homem de bocca aberta.

Quem diria, meu Patusco,
Que a assembléa da Bahia
N'um theatro de paixões
Se transformaria um dia?

Pois converteu-se em theatro,
Onde os espectadores
Jogavam traques de massa,
E outros deitavam flores.

Momens cobertos de manchas,
Dizem, *por alguém* mandados,
Foram para as galerias
Dar—foras—nos deputados.

Si convença que um abuso,
Outro abuso ha de chamar:
Quem boa cama fizer
Nella se hade deitar.

Em prol do povo, que soffre,
Não deixaram nada feito,
Por que o tempo fôï pouco
P'ra dar largas ao despeito.

Na tribuna, em discursos,
Cada qual mais sobre-sahe,
Porem não é com palavras
Que o povo ao açougue vae.

Que val' palavra pomposa;
Si não produz o effeito?
Si não minoram-se males
A que o povo 'stá sujeito?

Elle quer é instrucção,
Ao trabalho incentivo,
Respeito aos seus direitos,
Aos impostos linitivo.

—Houve, no encerramento;
Patriotismo de sobra;
Vivas, congratulações,
Bass, coroando a obra.

Ninguém falle neste mundo,
Porque quem fallou pagou...
Recorda-se V. quando
O Itaborahy aqui passou?

Foi chrysmado de politica
Feita com a mão na taça,
Um banquete que lhe deram:
Onde ferveu a vinhaça.

Mas, por fallar nesse homem,
Veio-me ao pensamento
Perguntar-lhe alguma cousa
Do actual orçamento.

Como é que, sendo o visconde
O Messias financeiro,
Quer atirar o paiz
N'um fatal despenhadéiro?

Olhe que o tal orçamento,
Me creia que fallo serio,
L' o mais exorbitante

Que tenho visto no imperio.

Nem no anno em que se fez
Esquadra para o Brasil,
A despeza elevou-se
De contos a tantos mil.

Pois o homem salvador
Deu tamanha pichotada?
Valendo-se do pretexto
Da guerra não estar findada?

Mas é frivolo o pretexto,
Despido de fundamento,
Dizer que a guerra absorve
Tão crescido rendimento.

Quando o exercito era maior
Nunca tanto se gastou,
Agora que decresceu
E' que a despeza augmentou?

Tambem munições de guerra
Não é preciso comprar,
Por que na campanha ha tanta
Que até se manda voltar.

A esquadra é notorio
Que tambem diminuiu,
Pois que parte dos navios
Para a cõrte ja seguiu.

Si os gastos diminuem
Para que tanto dinheiro?
Por que pesados tributos
Si lança ao paiz inteiro?

Mas falle sem prevenção,
Não parece um desperdicio?!...
De quem tanto promettia
Pois é esse o beneficio?

Porem entre nós existe
Com mais amplas proporções,
Uma guerra que manter—
A guerra das eleições.

E, em quanto o povo geme,
Cercado de mil regalos
O Sr. D. Pedro assiste
A' corrida de cavallos!...

(*Continúa.*)

Á PEDIDO

—Capitão, recorro á protecção de V. Ex.

—Em nada lhe pode servir.

—Muito, capitão.

—Si V. entende, diga o que quer.

—Estou privado de ganhar a vida.

—Como? Quem lhe tolhe?

—O Sr. Paulo Pereira Monteiro.

—V. está enganado.

—Creia-me.

—Um homem dotado de espirito de asso-
ciação, emprehendedor e fundador de empre-

zas, e portanto amigo do trabalho, pode lá querer impedir a um pobre os meios de ganhar a vida!

—Eu lhe explico.

Sou um pobre carroceiro, e moro na Calçada. Compreheo V. Ex. que, tendo elle, como director da companhia de Vehiculos, mandado tapar a rua de um lado e outro privame de exercer o meio de vida com que subsisto.

—Que embrulhada fez V.! Não vê que é por uma necessidade?

—Não concordo. Si a companhia não tem as silipas promptas para assentar, para que está a impedir o transitio?

—Meu rico, soffra que o mal não é duradouro.

—Entretanto irei me sustentando da graça de Deus!

—Tambem serve!

Quando estou junto de moças,
De desejos não escapo;
Rapaz namorado é tollo,
Marido de gia é sapo.

As beatas de capona
Embrulham tudo n'um trapo,
Casca de vacca é chicote
Marido de gia é sapo.

Vinho velho e engarrafado
Guardo todo e não destapo,
Garrafa quadrada é frasco,
Marido do gia é sapo.

Panno comprido é lençol,
Pequenino é guardanapo;
Calça pequena é ceroula,
Marido de gia é sapo.

Thesoureiro é bom officio;
E' pechincha de encher papo;
Velhaco de casa é rato,
Marido de gia é sapo.

—Capitão, ai!... ai!... quem me acode!... quem me soccorre!... não sei o que tenho!... não sei o que sinto!... me valha, meu capitão! mande o muxingueiro que me passe nas ondas, e que em seguida me leve ao hospicio dos Barbadinhos, a ver si elles me benzem, aliás já soi que morro: ai!... ai!... quem me acode!...

—O que é isto, rapaz? o que é que V. tem, que está tão pallido, tremendo e com os olhos espantados?

—Meu capitão de minh'alma, o que ha de ser? São os meus peccados, foi o tal *Fradeco da mão furada* que me excommungou, e que excommunhão forte, meu capitão!

Dizem-me que o tal *Fradeco* me excommungou logo que acabou de jantar; pelo que cahiu sobre mim essa maldieta excommunhão, toda impregnada de certos vapores, de que o tal *Fradeco* se achava entusiasmado, e a que elle chama—*suas sombras negras*—reduzindo-me a esse estado em que V. Ex. me vê; de sorte que, si eu fosse algum sacerdote, punha-me no risco de quando fosse celebrar o santo sacrificio da missa, e no acto de levantar o calix, de vel-o cahir de minhas mãos, si não tivesse o soccorro de *algum leigo*, que me ajudasse a missa. Ah! meu capitão, eu estou muito afflicto e muito atemorizado; pois, meu capitão, sem que nem para que, attrahi sobre mim a odiosidade da *triplice alliança inventarial*.

—Homem, tome este copo d'agua, beba, tranquillise-se, e então me conte a causa de tamanha odiosidade e no que pode essa *triplice alliança* prejudical-o, quando seus membros são os que devem tapar as caras.

—Pois é para ver, meu capitão, as cousas de nossa terra são assim mesmo; o tal *Fradeco* excommungou-me, e diz que, não podendo se desabafar comigo, nem mostrar-me para quanto presta seu punhal e sua pistola, que vae mandar buscar no trapiche de cima um *peito-largo* para estrangular-me!

Miseremini mei, miseremini mei!

Mellorio, pragueja-me a qualquer liora, e diz que me ha de *descarregar o catatau*, essa tremenda *durindana*, com que elle rondava la fora, no tempo das antigas ordenanças, (a que os capadocios appellidaram de mãos por baixo) de cuja *intrepida phalange* elle era *valeroso cabo de esquadra!!!... Beatus venter qui te portavit*.

O *Randolfe* vocifera contra mim e diz que me ha de metter no sacco, ou enfardar-me, conforme costumam fazer com o assucar e fumo os negociantes do commercio a retalho!... *Fiat voluntas tua!*... e todas essas bravatas, porque eu tive a ousadia de em presença de V. Ex., pôr a calva á mostra dos tres marre-cos.

Olhe, capitão, o tal *Mellorio* obra somente em proveito d'elle quando está reunido em *triplice alliança*, porque, tendo-lhe morrido um canhado, que foi membro de sua alliança no inventario do sogro, elle que, por milagre de Deus anda a dous pés, recrutou o *Fradeco da mão furada*, para occupar essa vaga, quando esse animal amphibio está privado de entrar em certas searas; porem o *Mellorio* o convenceu, promettendo-lhe de recompensa um papel sujo por muitos titulos illegaes, e passado há mais de treze annos, e o *Fradeco* que diz que sabe um bocado de poetica—tendo

no longo espaço de treze annos despresado esse papel sujo, agarrou agora na moxiba, e depois da morte da mãe começou, como quem não queria a cousa, a mamar os alugueis de uma casa, segundo affirma o *Mellorio*.

—Rapaz, custa-me a crer certas cousas; como é que um *fradeco* blazona de ter *punhal e pistola*, e de mandar *vir peitos-largos*? como é que o outro diz que ha de *assentar o catau*, ou a sua *furibunda durindana*? e como finalmente o outro ameaça de ensacar e de enfardar? e não tem elles receio de que a *authoridade ecclesiastica*, e a *policia* se envolva nesse negocio?

E' muito desafôro... porem eu lhe vejo cada vez mais tremulo, portanto va para sua casa, tranquillize-se, tome seus refrescoes, e banhos frios, e deixe esse negocio por minha conta, pois basta que elle ja se acha no dominio do publico, com especialidade do meritissimo Sr. Dr. juiz de orphãos, que ja deve de estar ao facto do quanto é capaz semelhante firma social...

(Continúa).

O MUNDO A'S AVESSAS.

E' maluco—todo o bacharel
Qu'em politica mui prompto não entra,
Si no paleo social, com cynismo,
Papel torpe elle não representa.

E' maluco—é p'ra sempre o diabo,
Si pretende nacionalisar
O commercio a retalho!... as industrias,
E ás artes si quer animar!...

E' maluco—quem bellas filhinhas
Tem, não pondo-as em um internato
P'ra fazer-lhes exames em tudo
La algum director mui gaiato...

E' maluco—si é medico e não faz
Ao enfermo a molestia augmentar,
Não fazendo d'ahi sua roça,
Para o cobre do pobre chupar.

E' maluco—e é mau boticario
Si a aviar vai qualquer receita
E em logar dessas drogas mui caras,
Muito boa agoa pura não deita.

E' maluco—qualquer sacerdote,
Que chamado a qualquer hora, sae
P'ra confessar e dar Sacramentos
Aos enfermos, si mui prompto vae.

E' maluco—todo vendelhão,
Que não deita mistura no vinho,
P'ra tornar-lhe maior a porção
E render-lhe mais algum cobrinho.

E' maluco—si acaso não tem
Amisade com os taes fiscaes...

Si não dá lhes de boa vontade
Os effeitos dos tratos mensaes.

E' maluco—qualquer director
D'um bancario estabelecimento,
Si no cofre não faz um bom furo,
E não tira-lhe *cento por cento*...

E' maluco—si é negociante,
E na porta não diz—*Barateiro!*...
E si ao povo não vende a *palavra*
De Cambrone, por banha de cheiro

E' maluco—si até da Europa,
Elle não manda vir dinheiro
Para os trocos miudos fazer,
E com cambio!... trocal-o, matreiro.

E' maluco—si no fim do mez,
Ao caixeiro elle paga o ordenado...
Si no fim d'alguns mezes, na rua
Não o põe por *ladrao* infamado.

E' maluco—si acaso não vae
A' Europa dar o seu passeio...
Si de lá, *etiquetas*, não traz,
De charutos... *té um Christo cheio*.

E' maluco—si ao vender fiado
Não debita dobrada quantia
No diario borrador ou caixa
P'ra mostrar-se fallido algum dia.
(Continúa.)

—Capitão. ha muito que uma corrente aspira pelo pé deste jandaia.

—Que figura repulsiva traz V.! O animal tem um bojo!...

—E onde vê é official da guarda nacional, subdelegado, e mercurio de um barão.

—E o diabo que o carregue para as profundas.

—Tem boas artes, este tratante.

Si tivesse de se chrysmar, eu o aconselharia que mudasse o nome para *João*.

—E então como se chama?

—*Leoncio*.

—Hum!... Mora...

—Ao pé de um *ribeiro* em terras do *Sanxo*.

—Sei eu la onde él

—*Passe V. Exa.* pelos domizios do tal barão, que lhe fallei, que é ahi.

—Tanto peor, si eu ignoro quem é.

Vamos adiantar. Então este bruto, semelhança de bolo mal-amassado, é...?

—Um refinado escamoteador, um falsificador superfino, um defraudador de orphãos.

Falleceu D. *Janinha* e elle fabricou um testamento falso, consumindo o verdadeiro, pelo que veio a ficar na miseria uma pobre orphan herdeira.

Consumiu cartas de alforria, reduzindo a

escravidão pessoas, que, pela vontade da testadora, eram livres.

Ganhou em certo tempo um boi de um homem chamado Luiz, morador no *Engenho Decepito*, cujo boi já ia com destino n'um barco, quando foi apprehendido por um inspector.

— Na verdade tem todos os predicados para ser authority desta Latronopolis infame.

— Houve mudança politica e o inspector, que era simples cumpridor de ordens, teve de pagar caro. Foi mettido em prisão pelo facto de arrancar das mãos do larapio o boi que não era seu.

(Continua:)

O INCENDIO DO CUME

(Continuação do n.º 499.)

Mas vendo atear-se o fogo,
Fugitiva, ella então corre
Do mau cheiro da resina,
Que o tição no cume escorre.

Pelo fumo asphyxiada,
Tomou ella tal esfrega,
Que, p'ra mais não respiral-o,
O nariz no cume préga.

P'ra no cume não cheirar
Mais tal fumo, ella tapou
As ventas co'uma pitada,
Que ella no cume tomou.

(Continua.)

Gratifica-se com duas tabernas na freguezia da Sé, a quem descobrir o ratoneiro que, num incendio, que houve, ha dias; na cidade baixa, surtipiou dous sabiás, dos quaes já vendeu um por 12⁷/₁₀ rs.

O ladrão da irmandade de S. Benedicto de Maragogipe.

EPIGRAMMAS.

A' MULHER DE UM ARMADOR.

«Arma egrejas por dinheiro
O teu esposo querido;
Tu armas gratuitamente
A testa de teu marido.

A' FILHA DE UM CARNICEIRO.

«No açougue de ter pao
Carne aos freguezes se fia;
Tu porém a carne daes
Sem precisar freguezia.

—Capitão, sou de V. Ex....

—Obrigado, amigo.

O que ha de novo?

—Trago á presença de V. Ex. uma firma importante, um devasso, um tabareu estúpido, nascido nas brechas do sertão de Ser-gipe, que, por desgraça de nossa terra, veio aprender a curar, e é tão ruim cousa que está ha trez annos, e ainda não passou do primeiro.

—Oh, Sr. tabareu, quem é V., donde veio, como se chama?

Não falla, não responde, não sabe que posso fazel-o fallar á força da taca do muxin-gueiro?

—Capitão, não precisa perguntar quem é, olhe para o todo d'elle, para a cara deslavada, e verá V. Ex. que é a estupidez e o cynismo personificado, é a escoria da nobre corporação que enxovalha, melhor seria que o pae, alias probo e trabalhador, o tivesse de enchada na mão, do que mandal-o estudar.

—A razão porque V. está tão insultado com essa cousa ruim?

—Eu lhe conto tudo, capitão.

Esta peste, não sei como, poude trazer consigo da ilha do Jesus Bom uma pobre moça, e levou-a para uma casa á rua Xixi freguezia do Pilar, casa essa habitada por gente da laia d'elle, e abi leva dias e noites sem se importar com o estudo, e a pobre moça aperriada passa uma vida cheia de amargura, a ponto de ser espancada, alem dos nomes injuriosos que este bruto vomita contra a desditosa; si a moça chega á janella e olha para alguem, ainda mesmo sendo conhecido, elle, ou por si, ou por arenga da gente ordinaria que ha em casa, maltrata-a, injuria-a, chama-a por nomes que a decencia manda calar. Ja chegou a ponto de chamar a mãe da moça alcoviteira; promette chicote a quem olha para ella, enfim, Sr. capitão, tem lhe dado tão bom trato que ella ja chegou a escarrar sangue, e está se desinhando em pé.

A vista pois do que acabo de expor á V. Ex., posso ou não estar insultado com esto estúpido tabareu?

—Quero ja saber o nome do relapso, e tambem o nome do pae para lhe mandar dizer que é melhor metter tal estúpido na enchada do que consentir que esteja desperdiçando seu dinheiro.

—Capitão; o nome do pae não lho sei dizer, do estúpido disseram-me chamar-se *Xico* de tal *Vieira*, porem V. Ex. poderá saber com facilidade mandando perguntar ao correspondente.

—Pois bem; vou mandar saber. Muxingueiro toma a teu cuidado esta peste, até miuha segunda ordem.

Abraços, abraços,
Que mal nos farão,

Si Deus nes deus braços
Foi essa a razão.

Que mal faz um beijo,
Que apenas eu dou?
O beijo sumiu-se,
O gosto ficou.

VARIÉDADES

ENIGMA.

Por natura coroado
Com aspecto de sultão,
E' valente campeão
Sempre de esporas armado;
De damas mil rodeado,
Passear tem por costume,
Sem haver nelle ciume
Serve a todas igualmente.
Canta airoso, e mui contente,
Sem fazer um so queixume.

O padre Molière era um homem simples e pobre, estranho a tudo, á excepção dos seus trabalhos litterarios sobre o systema de Descartes: não tinha domestico algum; e no inverno, por falta de lenha para se aquecer, trabalhava na cama, embrulhado o melhor que podia no seu facto. Uma manha sentiu bater á porta.

—Quem está lá? perguntou elle.

—Abri, lhe responderam.

Elle puchou um cordel, que da cabeceira da cama ia prender no fecho da porta, e esta se abriu.

O padre, sem levantar os olhos do que estava escrevendo, perguntou:

—Quem é, e o que pretende?

—Quero dinheiro.

—Dinheiro?!

—Sim, dinheiro e depressa.

—Ah! já entendo: então o Sr. é um ladrão?

—Seja, ou não seja, preciso de dinheiro.

—De certo? precisa? . . . pois então procure ali.

E o padre acenou com a cabeça para designar-lhe uma perna dos seus calções, que tinha deitados á roda do pescoço para se aquecer.

O ladrão metteu a mão no bolso dos calções, e depois de remecher bem, disse:

—Cá não ha dinheiro!

—De certo que não: mas ha lá uma chave.

—Esta?

—Justamente, essa. Ora vá abrir aquella gaveta da papeleira.

O ladrão metteu a chave n'outra.

—Não é ahí, não é ahí, lhe diz o padre: ahí estão os meus papeis; não mecha que m'os

desarranja... com a fortuna! já lhe disse que ahí só estão os meus papeis! Na outra gaveta de lá na outra é que está o dinheiro.

—Elle cá está.

—Pois bem tire-o, feche a gaveta, e dê cá a chave.

O ladrão tendo metido na algibeira todo o dinheiro que achou, retirou-se apressadamente.

—Senhor ladrão, lhe grita o padre, feche a porta para si...

—Então este cão não me deixa a porta aberta! . . . Não tenho remedio senão levantar-me com o frio que faz! Excommungado ladrão!

E o pobre saltou da cama embrulhou-se nos cobertores, vai fechar a porta e torna para cama a continuar o seu trabalho, sem pensar talvez que não tinha um vintem para comprar um pão para o almoço!

DEFINIÇÕES

EXTRAHIDAS DO DICCIONARIO DO PADRE GIBOIA.

Amor—Queixa do peito que, tratada pela homoeopathia, degenera em hydropesia, e pela allopathia em dyarrhea incuravel.

Casamento—Duas-nações inimigas atadas uma a outra servindo de mutuo verdugo, ou para servirem de verdugo uma a outra.

Governo constitucional—Descoberta a mais feliz para o genero humano, por ser aquella em que um terço da nação trabalha para sustentar as outras duas terças partes com o appellido de empregados publicos.

MOVIMENTO DO PORTO.

ENTRADA DO DIA 15.

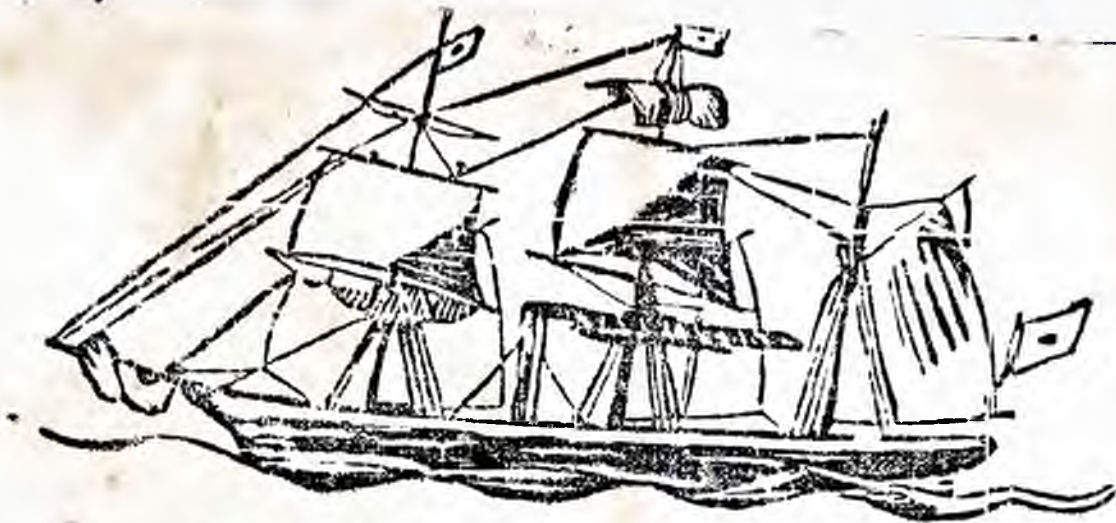
França—em... ds., vap. *Extremadura*, de... ts., eq. 30, cap. *F.*, carga 400 *mimosas* ás *charidosas* para seu uso, passageiras *irmans charitativas*, vindas para a Casa da Santa Mizericordia.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 52 e 53 do—**ROCAMBOLE.**

ANNUNCIOS

O thesoureiro actual da irmandade de S. Benedicto, convida em geral aos irmãos e devotos para concorrerem com as suas esmollas para o brilhantismo da festa do presente anno, que terá logar domingo 20 do corrente. Consistorio da irmandade, 14 de junho de 1869.—*Manuel Friandes.*



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço á assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 52

BAHIA

19 DE JUNHO DE 1869.

N. 519.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
18 de junho de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que, pelo menos, mande tapar as grandes boccas de lobo da rua dos Adobes, na qual passam os carros triumphaes no dia Dous de Julho, e como se approximo esse dia, é de urgente necessidade que isso se faça *in continenti*. Espera-se.

—Ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, dando-lhe sciencia da informação que nos remettem, de que nas Mercez, casa immediata á do Sr. Lebo, existe uma desventurada menina, exposta da Santa Casa, que vive como escrava, sujeita a rigorosos e continuados castigos, mal comida, mal vestida e mal dormida, obrigada a trabalhos superiores a suas forças. Reconhecendo-se em S. S. eminentes qualidades de amparo aos infelizes e amor ao proximo, confia-se que, obtendo esclarecimentos á respeito, arrancará a innocente das mãos de seus algozes.

—Capitão, eu não acreditava que houvessem brasileiros tão degenerados, que fizessem causa commum com os inimigos de sua patria.

—De tudo ha bom e mau.

—Lendo o relatorio que fez o major Cunha Mattos, de quando esteve prisioneiro dos

paraguayos. deparei que houve um brasileiro, miseravel transfuga, passado para o inimigo, que era o algoz dos seus patricios.

—Tem ahí a mão?

—Vou ler;

No numero de presos e prisioneiros achava-se o passado do exercito tenente Simplicio Luiz. Devo declarar que não creio que Simplicio fosse tenente do exercito, mas simples cadete, segundo informações que tenho, de alguns dos corpos de Pernambuco.

Esse passado, tendo-se incumbido, como capataz, de dirigir os prisioneiros brasileiros, proporcionou-lhes sempre os maiores vexames, concorrendo para a morte de muitos, aconselhando aos que carregavam outros que os afogassem em banhados, gritando emfim muitas vezes em altas vozes—mata esse negro,—e açoutando-os quando pelo seu estado de fraqueza não podiam caminhar.

Simplicio ja havia causado em Passo-Pocu muitissimos damnos aos nossos compatriotas. Tendo apreendido a fallar o guarany, servia de interprete; como tal, e com fim de insinuar-se no espirito de Lopez, compromettia a todos a quem ouvia.

Intrigante, infame, esse miseravel brasileiro havia conseguido de Lopez o uso da espada e um emprego de segunda ordem, recebendo soldo as poucas vezes que se fazia pagamento no exercito. Ao passar-se para o inimigo, Simplicio apresentou-se com uma gorra de argentino, com os distinctivos de primeiro tenente e declarando pertencer a arma de cavallaria; como tal foi recebido no exercito paraguayo, onde usava dos distinctivos daquella arma e posto.

—Dá licença, capitão?

—Entre. Quem é o Sr.?

—O thesoureiro da irmandade de S. Benedicto.

—Determina alguma cousa?

—Venho communicar-lhe que amanha, domingo, celebrar-se-ha com extraordinaria

pompa a festa do mesmo Santo no convento de S. Francisco.

—Fico inteirado.

—A' noite, para divertimento da rapazeada, queimar-se-ha um lindo fogo de planta ás 10 horas.

—Sim, Sr., vou mandar annunciar tudo isso para convidar a concorrência.

—Que fradel

Sem respeito ao caracter sacerdotal, jogando o gamão na botica do Carlos!

—E' carmelita.

—Pouco importa saber o que é elle.

O que devia, era ser mais recatado e não estar assim depreciando a classe, com os dados na mão em uma casa publica!

O PRAZER DE UMA PALESTRA:

Os gostos n'este mundo são relativos. Tantos são os viventes que emperram n'este turbilhão de teteias a que chamam vida, quantos são os gostos. Cada um pensa de seu modo, e de seu modo vai obrando.

Um, acha prazer, e prazer maior da vida, accordar logo pela manhan com a gerobita as voltas, a beijar a bocca da rapariga—D. Botija; embora a *caninha* lhe transtorne a saude, e o degrade na presença da sociedade. O bebado a quem o filho chamava para ver a maneira porque tratavam á um outro em publico, se poz a chorar considerando o prazer de que não iria aquelle possuido.

Outro, sem temer as apoplexias, sem cuidar de nada, gasta quanto tem em metter nas tripas bons petiscos, e empanturrar-se de excellentes manjares.

Esta, inda que bonita moça, namorada, e com pretensões a casamento, gosta de um pedaço de fumo, e com elle anda agarrada o dia inteiro e conserva-o na bocca como se fora uma corneta de bom tamanho.

Aquella, velha presumida, dá o cavaco por cheirar o murrão de candeia, com quanto seja o difluente mais terrivel que se pode imaginar.

Um, levanta-se pela madrugada, e passa por bem casado.

Outro, leva a mulher a cacete e pancadaria, e accorda ao meio dia.

São gostos, e todos acham n'isso prazer, e gritam quando si os reprehendes—que tem as gentes com os gostos meus?

E' d'aqui pois que eu tiro rasões para dizer, que não ha cousa mais prazenteira, e capaz de fazer formiguinhas correndo pelo espinhaço á baixo, como o praser de uma palestra,

Oh! que gosto! nada ha que se possa comparar com isto.

Palestra, quer dizer, reunião de quatro ou cinco ou mais pessoas, que se ajuntam para darem a taramella, tratarem dos interesses do paiz, e fallarem da vida alheia, que é o eido da moda.

Si a palestra é de rapazes, então apparece envolvida em risos e pilherias, e embralhada em nuvens de fumo dos bons e amaveis charutos.

Si é de velhos, não pode existir sem uns suspirinhos de vez em quando, dedicados por elles aos prazeres da mocidade, que agora reprovam, por não poderem gozar.

Si é de raparigas, a palestra é temperada de sal da maledicencia, e nada escapa dos defeitos alheios; como sejam, por exemplo! das anquinhas de D. Ximenes, a falta de cabellos de D. Henriqueta, os namoros da filha de fulano, e as cartas de namoro das filhas de sicrano. Tudô sahe a campo e nada escapa.

Si finalmente é de velhas, é misturada de baba e rabuge, ralhos e ranho de tabaco. Versa sobre papellões, ajudas, refrescos, ventosidades e parteiras.

N'ella se analysa sem rebuço o velho e o novo; acha-se o sal das pilherias e lembranças esquisitas, e é um verdadeiro prazer, um verdadeiro gosto.

—De que vive fulano? diz um.

—Eu sei! responde outro, e logo um terceiro vai dizendo:

—Não sei o que faz, mas nada lhe falta, tem boas casacas, bons colletes, e tudo de melhor.

—Ouvi dizer que tem uma viuva que o estima.

—Pode ser; mas duvido.

—Namora aquella menina lá da C.

—Que diz? Tambem é tão namoradeira...

—Ja repararam vocês que ella tem quatro dentes postiços?

—Ja viram que tem uma queimadura no braço, e por isso nunca anda de vestido de manga curta?

—Não, não; respondem todos em côro.

—E a irman?

—Oh! esta sim. Que olhos de rapariga! Gosto muito dos olhos azues.

—Tens bom gosto.

—O que ella tem de bom, são as mãos. Meu Deos! que mãos bem feitas!

—Qual, não sejam tollos, a primeira menina da Bahia é aquella lá da rua de F.

—Qual?

—Aquella que tem o irmão empregado lá em baixo? Dizem que namora.

—Si namora! Inda hontem la estava o Florencio a conversar na janella.

—Que diz? ja não me admiro que ella tanto se ria como o primo franciscano.

—Bello. Quem se namora com frades, não sei o que pertende. E' becco sem sahida.

D'esta maneira, cortando aqui e acolá, the-sourada para uma banda e para outra, se vai passando o tempo na palestra dos rapazes. Não ha monotonia, so alegria, so.

Ano, gosto da palestra e viva a palestra!

LA VAE VERSO

VERSOS DO TUDO-TUDO, DO POETA D'AGUA FRIA.

Tudo bonito é bem feito,
Tudo que é gordo agazalha,
Tudo que fura é verruma,
Tudo que raspa é navalha.

Tudo que morre é defunto,
Tudo de lombo é gostoso,
Tudo que é roto é mulambo,
Tudo engraçado é jocoso.

Tudo redondo é boceta,
Tudo furado é buraco,
Tudo cumprido é canudo,
Tudo moído é tabaco.

Tudo que lambe tem lingua,
Tudo que anda tem perna,
Tudo que furta é ladrão,
Tudo que vende é taverna.

Tudo de becca é ministro,
Tudo de farda é soldado,
Tudo que bebe é xupista,
Tudo que morde é damnado.

Tudo que fura tem ponta,
Tudo que é panno é toalha,
Tudo que é rico é divino,
Tudo que é pobre é canalha.

Tudo que cheira é gostoso,
Tudo que fede éfastia,
Tudo que é pote é vazilha,
Tudo que é vella é bugia.

Tudo que geme é doente,
Tudo que ronca é trovão,
Tudo que bate é martello,
Tudo que engorda é capão.

Tudo que dança é macaco,
Tudo que gira é morcêgo,
Tudo que corta é cutello,
Tudo que grita é gallego.

Tudo que pare é mulher,
Tudo que mija é menino,
Tudo que toca é badallo,
Tudo que é molle é pepino.

MOTTE

A creança quer mamar.

GLOZA

A defunta minha avó,
Mulher de grande exp'riencia,
Tudo de conveniencia
Desejava p'ra si so—
Tijollo moído é pó—
O macho com femca é par,
Peixe se pesca no mar,
Ferro de gancho é anzol,
Velhacada é caracol
A creança quer mamar.

A FEDIDO

—Andou na quarta-feira a noite um homem e uma moça correndo atraz delle e elle virando beccos e ruas, afim de livrar-se della.

Pessoas que estavam em uma loja na rua do Collegio os acompanharam; desceram a ladeira do Aljube e pararam na esquina da rua do Tijolo e ahi apreciaram o seguinte dialogo entre ellès:

«—E' ali naquelle sobrado de tres andares; vá-se embora!

«—Como eu hei de entrar agora?

«—Não sei, va-se embora!

«—Pois eu hei de andar sosinha pelas ruas?

«—Não quero saber de nada!

«—Ah! meu Deus! E assim é que são os homens.»

—Um dos circumstantes ouvindo isto, o vendo a moça em pranto, que chamou attenção de muita gente, perguntou-lhe o que tinha, respondendo-lhe em tom grosseiro o tal sujeito: —*não é nada!*

Depois seguiram pela rua do Saldanha; mas sempre as pessoas os acompanhando. Chegando a rua do Bispo, um delles foi a secretaria da policia e indagou do sargento commandante da guarda, si o Dr. chefe de policia estava ahi. Este respondeu que sim.

Então pediu dous guardas, declarou que elle era o juiz de paz da Conceição da Praia.

Sendo-lhe concedido os dous guardas, foi em busca do sujeito que então seguia a passos largos com a moça, e encontrando-os na Baixa dos Sapateiros, os fez voltar para fallar com o Dr. chefe; o sujeito quiz resistir; mas depois vendo que a resistencia era inutil, obedeceu á intimação, e voltou.

Nessa volta, porém, o referido juiz de paz da Conceição da Praia perguntou de novo ao sargento, si estava ahi o chefe de policia, e foi respondido pelo mesmo que sim.

Mas, quando elle bateu e perguntou pelo

chefe de policia, disseram que tinha sahido.

Indagando do sargento a morada do delegado, ou do subdelegado, elle não lhe soube responder.

—E a que horas se deu este facto?

—A's 7 1/2 horas.

—Pois, posso lhe garantir que nessa occasião o Sr. Dr. chefe andava passeando em um rico carro.

—E passcia a authoridade em quanto della se carece!!

—Não sei; mas podiam ter ido ao delegado.

—Tambem o delegado podia ter sahido e dizer depois—*porque não foi ao subdelegado!*

—Neste caso, este tambem tinha o recurso de mandar ao inspector de quartelão.

—E o que fez o tal juiz de paz da Conceição?

—Interrogou, em minha presença, na de um empregado do *Diário*, e do commandante da guarda da secretaria, ao sngeito.

—E o que declarou este?

—Disse ser capitão, e chamar-se Constantino; ter trazido a referida moça do sul; morar na freguezia de Santo Antonio, em uma casa do Dr. Albergaria; e que ella estava chorando, em vista delle ter sahido com ella para ver uma casa, e como no caminho um moço batesse com o braço nella, elle aqueria fazer voltar sosinha para casa?

—Talvez seja mesmo amasia delle, e a choradeira della fosse proveniente de ciumada.

—Fosse lá o que fosse: o facto é que houve razão para o chouro, que não foi nem descoberta, nem providenciada.

—Isto é para uma policia que não a do Dr. Cicero d'Assis.

CHARADA.

Filho de Dæmogorgon
Sou, e da flauta inventor;
Presido somente o campo,
O rebanho e o pastor.—1
Piedade e compaixão.
Em mim sempre has de encontrar—1
Si me deitas mais um til,
Certo reptil has de achar.—1

CONCEITO

Co'uma boceta infeliz,
Fui, por Jupiter, mandada
A' terra... e, por Prometheu,
Ella fôra recusada...

Mas, tomando-a Epimethéo,
D'uma indiscreta maneira
Abriu-a, e inundaram,
Os males a terra inteira.

J. L. de Azevedo.

VARIÉDADES

REGRAS DE TARIFA.

Não ha candidato que em tempos de eleição não trate a todos com agrado.

Não ha aprendiz de padre, que não elogie o bispo.

Não ha commandante da guarda nacional que não seja valente para os arrumamentos.

Não ha medico, por mais ordinario, que não diga que tem doentes.

Não ha moça, por mais feia, que não diga que engeitou casamento.

Não vem artista da Europa que não diga que foi por motivo politico.

Não ha senhor de engenho sem proa de fidalgo.

Não ha caxeiro de cobrança que não ande estafado.

NOVISSIMAS REGRAS INFALLIVEIS.

Não ha caxeiro de escriptorio que não gaste ao menos papel de pezo com as namoradas.

Não ha padre velho, por mais estúpido, que não seja padre mestre.

Não ha preto barbeiro que não negocie em sanguesugas.

La um pobre labrego á cavallo, a cavalgada sacudiu-o e ficou estatelado no chão, doendo-se muito dos hombros e da espadua,

Acudiram-lhe, levaram-no para a casa que elle indicou, e chamaram-lhe um facultativo.

—Onde é que vosmecê levou as pancadas, pergun'ou o cirurgico; foi na dorsal, ou nas homoplatas?

—Não senhor, respondeu o paciente, soltando um ai dolorido, foi no meio da ponte Segovia.

BOA REPLICA A UM INSOLENTÉ

Certo fidalgo, vendo um dia Descartes n'uma casa de pasto commendo á regalada, lhe disse:

—Então que é isso, meu amigo, pois tambem os philosophos gastam o seu dinheiro em accepipes?

—Esta não é má, respondeu Descartes, acaso v. exc. julga que a natureza só produziu coisas boas para os ignorantes?

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 54 do—RO-CAMBOLE.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 52

Preço á assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

23 DE JUNHO DE 1869.

N. 520.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de junho de 1869.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que, em cumprimento ás ordens da policia, vá desmanchar o ajuntamento de moleques na taberna n. 1, ao Cruzeiro de S. Francisco. Cumpra.

—Ao Sr. Paranhos, prevenindo-o de que, si um seu caixeiro continuar a assustar os moradores do Maciel de baixo e becco do Ferrão, com tiros de pistola que dá do terraço de sua propriedade, se dará disso sciencia á policia para que tome medidas preventivas.

—Só pelos seiscentos milheiros de demônios!

Arre!

—O que tem, meu amigo?

—Não me falle que estou vexado.

Acabo de sahir desta infernal repartição do sello onde estive retido quatro horas de relógio!

—O governo entende assim!

Assenta que deve lucrar sem dispender.

—Causando, as vezes, prejuizos irremparáveis.

Tem-se um negocio de grande importancia, emprega-se toda actividade para concluil-o,

chega-se na repartição do sello e fica-se esbarado.

—E' uma barreira que se antepõe aos interesses das partes. Assentava-lhe melhor o nome de casa de detenção, do que repartição do sello.

—Como é que augmenta-se o trabalho e conserva-se o mesmo numero de empregados!

Não se pode dar mais inqualificavel mesquinaria.

—Entretanto o rendimento daquella casa excede dez vezes a despeza.

—E o governo não tem animo de nomear tres ou quatro praticantes para coadjuvar o serviço!

—Em que se importa o governo que o publico seja prejudicado?

Corra os cobres, é o que serite.

—So muita pobresa, extrema miseria, pode levar uma mãe a atirar aos cães o cadaver de seu filhinho.

—As vezes são mães obsecadas, que não comprehendem a sublimidade de tal nome.

Fique certo que a charidade publica não está de todo extincta nesta terra.

—Não contesto; o que é verdade é que deixaram estes innocentes gemeos em um caixão de sabão na portaria do S. Francisco, hoje sabbado.

—Deshumanidade! brutalidade!

Para enterrar dous anginhos sempre ha almas generosas que concorram com um obolo de charidade.

—Felizmente não ficaram insepultos; o subdelegado da freguezia já deu providencias.

—Capitão, o Sr. Marinangeli foi roubado.

—Aonde?

—Elle está hospedado no hotel Folleville...

—Sei disso.

—... deixou dentro de uma commoda a quantia de 3:400\$000 rs. e sahiu. Na volta abriu a porta, foi a commoda e achou-se em branco!

—Mas como se explica isso?

—Provavelmente foi obra de gente de dentro do hotel.

—Quando se deu esse roubo?

—Elle deu por falta do dinheiro no sabado de manhan.

—E o que fez?

—Queixou-se a policia.

—Elle que não trate de arranjar outros, e espere que a policia descubra o ladrão.

—Pode descobrir.

—Mas isto é para outra policia que não a da Bahia.

—Foi a procissão de S. Benedicto, no domingo?

—Não fui de proposito; mas vinha passando, até ignorando que houvesse procissão, já ao escurecer, quando a vi na rua. Tambem só andou pelo Cruzeiro e recolheu-se logo.

Agora, notei uma cousa!

—Qual?

—Os moradores do Cruzeiro vendo uma procissão, á noite, na rua, com o Santissimo Sacramento acompanhando, e não deitarem illuminação em suas janellas!

—Será porque S. Benedicto seja preto?

—Não; mas si foi por isso, porque a gente de minha terra tem muitas... S. Benedicto foi um preto que, por suas boas obras e virtudes, Deus o collocou no meio dos bem-aventurados! E em todo caso ia o Sacramento, deviam deitar illuminação!

—Homem que importa-lhe que os outros sejam irreligiosos, cada um responde por si.

—Basta!

—Ouviu dizer alguma cousa da Cruz do Cosme?

—Não.

—Contaram-me que um creado do engenheiro Pessoa de Barros, que andava em rixa com o feitor do mesmo, apanhando este dormindo, partira-lhe o cranio com uma estaca.

—Cousa de proximo?

—No domingo demadragada.

—E' um crime que revella a indole per-

versa de quem o praticou e que a lei deve punir severamente.

—A egreja da Sé, está reduzida a pombal!

—Quem foi que lhe disse isso?

—Eu, que vi uma reosca em uma das janellas das que ficam em frente a rua Direita da Misericordia, por onde sahem e entram os pombos.

—Como vae esta terra, que até já criam pombos dentro do templo sagrado!

—Noticia fresca, capitão.

—Diga.

—Sabe que por insinuação da policia está se formando um batalhão patriótico?

—Patriotismo na policia! E' enxerto que não grela.

—Tem por fim percorrer as ruas da cidade, dando vivas ao partido dominante, a situação actual, nos dias da festa do memoravel Dous de Julho.

—Politica no caso.

—Sahirá da freguezia do Pilar, é encarregado de organisal-o o Sr. Luiz Pedro de Araujo Pinto.

—Oh!... oh!...

—Na copia do requerimento em que esse Sr. pede ao chefe de policia permissão para crear o batalhão, diz que é para apoiar o governo, em contraposição a certos brasileiros degenerados, mal intencionados e desordeiros que hostilizam e desacreditam a um governo tão bom e tão honrado como este.

—E o chefe despachou?

—De certo.

—Pois elle que tem a seu cargo manter a ordem, obrar a com mais acerto, aconselhando ao Sr. Luiz Pedro que deixasse de se metter em remedios quentes.

Não é bom fomentar rivalidades; para festejar o Dous de Julho, não ha côr politica.

—Valha-me Deus! Si estou a lhe dizer que a ideia é da policia, que é sob os auspicios della que se forma o batalhão!

—Ah! sim... já nem me lembrava.

—O que lhe garanto é que o Luiz Pedro é capaz de arranjar a cousa.

—Ora... até de mais.

—Capitão, Latronopolis está contaminada; é preciso expurgal-a dos tratantes; dar um corte nos escandalos.

—Rapaz, V. bem vê, eu não me poupo.

—Mas nem todos os escandalos chegam ao seu conhecimento; talvez não saiba de mais um.

—Mas posso saber agora; o ponto é que me diga.

— V. Ex. sabe que neste porto ha um pequeno vapor.

— Sim; o *Rival de Paraguassú*.

— Tinha elle machinista nacional que ganhava 150 rs. mensaes, este porem incorrenas iras de quem manda no mar e foi expulso.

— E o cavallo marinho ficou sem machinista.

— Não, Sr., contrataram um individuo da terra das batatas por 250 rs. mensaes.

— Economia da epocha, entendo.

— O *godeme* não quiz metter a mão em combueca segurou-se, fazendo um contracto por tres annos.

Submettido elle ao *secretario das cousas do mar*, não foi approvado, por ser exorbitante a quantia e o tal vapor que aqui para nós, tem custado uma fabulosa somma a esta terra de patetas...

— Com o que se tem dispendido comprava-se quatro vapores de alto porte.

— Como dizia, o ministro não approvou o contracto, porque o vapor sempre está encailhado, de nada serve, sinão para passeios e não precisa de machinista tão caro quando ha quem sirva por menos.

— E' muito justo.

— Mas o contracto estava feito, e quem o fez não queria ficar com cara de lacaio.

Para arranjar as cousas sabe de que expediente serviram-se?

— Conclua

— O feliz estrangeiro foi apontado na officina de machinas do *trem do mar* com 400 rs., diarios.

— Que chelpa!

Ganha no mar e em terra ao mesmo tempo!

— Mas isso não é um escandalo?

— Um verdadeiro escandalo.

— Pois ha de estar a se escoar constantemente o suor do povo em tudo quanto é esbanjamento?

— E a nação a pagar as favas que o asno come!

— Dorme a policia.

— Mas velam os ladrões.

— Veja um espelho.

Aquelle soldado, em pleno dia, ás 10 horas de hoje 22, com o bonet cahido para uma banda, a cabeça pendida; aferrado em pesado somno, na porta do Café Restaurant, ao largo de S. Bento, mais adiante, na entrada da rua de Baixo; dous moleques, arrebatam doces de uma caixinha e largam-se.

— E outros atiram pedras pela rampa abaixo.

— Que triste copia dá a policia de si, quando seus agentes dormitam pela rua!

O QUE FAZ ANDAR A RODA A CABEÇA DAS MULHERES.

— O que é mais leve que o fumo? pergunta-se por ahi, e todos respondem.

— A chamma.

— O que mais leve que a chamma? retrucam.

— O vento.

— O que mais leve que o vento? ainda tornam.

— A cabeça da mulher. E alem d'ella mais nada.

E na verdade, razão tem os que assim pensam, não devendo as mulheres se enfezarem d'isto, pois que são as proprias que se incumbem de provar esta verdade. Coitadas! deixam andar a roda a cabeça por cousas que as vezes faz nojo, e collocam a sua felicidade e ventura, na posse de objectos irrisorios. Coitadas! tão cheias sempre de si, são as primeiras que dão argumentos aos maldizentes, como nós, para fazermos-lhes a póla.

— Yaya Quininha está doida, diz uma negra decaixinha, que tem entrada na casa. Não come, não bebe, não cose, chora todo dia pela manhan, suspira cem vezes no dia, dá ais, anda amarella, ja não abre o seu piano, enfim, ja não é a mesma, ninguem a conhece,

E isso porque?

O que faz assim andar a roda a cabeça da pobre yaya Quininha?

Pois vou lhe dizer; passava pela rua de yaya Quininha, um tamanhão narigudo, feio, desdentado, e que podia ser agarrado como desertor do cemiterio. Que importa que mostre paixão se é tão esquisito? Que vale que ande bem vestido, si nada ganha, é um cavalleiro de industria? Mas, contra gostos não ha disputas; mulher não casa com o grilo por não conhecer o macho; e yaya Quininha, que é uma moça bonita, bem coradinha, bem feita e mimosa, e alem d'isso filha de um lavrador rico, somente porque o tal papellão lhe fallou em casamento, quer cazar com elle, e já disse ao pae que si não casar, morre infallivelmente; (o que dizem todas, ainda que já temos visto muitas com quem os paes se entesam, que, nem cazam, nem morrem.)

Ora, não haverá aqui argumentos fortes contra a leveza de cabeça das mulheres?

Sim, e tres vezes sim.

D. Honorata, é mulher de certo empregado publico que a trata muito bem, e ella tambem sempre andou muito direito. Mas de certo tempo para ca, depois que tomou amizade com certa senhora, tem-se tornado impertinente, furiosa, desesperada, respondona e até não querendo dormir com seu marido no mesmo leito. E' toda outra.

Por que será?

O que faz assim andar a roda a cabeça do D. Honorata?

Pois vou lhe dizer: -- quer que o pobre marido, nestes tempos de carnes caras, e elle que apenas ganha seus quatrocentos mil reis, a leve ao theatro, aos bailes, aos soireés; quer que lhe dê bons vestidos de seda, boas mantas, luvas e etc.

O infeliz empregado recusa, por que não ha de furtar, e n'este caso, eis que a Sra. D. Honorata por conselhos da amiga, torna-se outra, e fica levada do demo, e mesmo necessitada de uma untura de sipó de rego bem grosso.

Ora, não se poderá á vista do exposto, affirmar que nada ha mais leve do que a cabeça das mulheres?

Sim, trez vezes sim.

E que frioleiras não trazem em confusão a cabeça das moças, tias, casadas, e velhas? As moças andam sempre pensando na boné-cra, nos bigodes do namorado, na cartinha da vespera, e no lençinho da camarada todo de ponto de marca.

As tias vivem n'uma continuada afflicção, e desesperadas por verem que nem uma só carapeba segura no anzol casamenteiro.

As casadas só cuidam como hão de enganar o marido, e ter occasiões de passeio e patuscas.

Nos bilros, fumo para mascar, na vida alheia, e no seu tempo de moça que recordam saudosas, pensam dia e noite as velhas.

E não será tudo isto frioleira, leveza de cabeça?

E que me dizem dos objectos de seu apreço? São sempre umas sedas, umas rendas, umas ninharias, que parece foram deixadas no mundo para encher o armazem vasio da cabeça das mulheres; e levam este seu apreço á um tal ponto, que os romanos, vendo que por mais ricos e opulentos que fossem os paes e maridos, não podiam com a carga, nem podiam satisfazer ao capricho de suas mulheres e filhas, apresentaram uma lei contra o luxo e vaidade.

Razão, pois, de sobejo teve aquelle que apresentou a cabeça da mulher como a cousa mais leve do mundo.

Pura verdade! Verdade sem replica!

O que faz andar a roda a cabeça das mulheres, são sempre ninharias, bagatellas, e futilidades.

Cousas de mulher!... cousas de mulher!...

À PEDIDO

— Capitão, tudo está mudado; até já se faz procissão depois do Te-deum!

E' cousa mesmo de quem é.

Gente pesada como *prego*.

— Mou rico, si queria cousa melhor, fizesse.

— V. Ex. julga assim?

Ali ha casa de maribouido, onde ninguem pode metter o bico.

Os sujeitinhos agarraram-se á muxiba como ôstra ao rochedo.

Parece mesmo negocio de *armação*.

— V. está despeitado.

— Eu não.

Até defendi o *escrivão*, por ver umas beatas de capona dizerem que o *escrivão* não lançou a joia de certos consultores.

— Não creia.

— O que é exacto é que muita gente, quando se mette em irmandade, não trata mais de outra cousa; e suas familias passam soffrivelmente.

— Menos os irmãos de S. Benedicto.

— Mas concorde que, si a cousa é boa, deve passar por todos.

— Em resultado, qual é seu pensamento?

— Que se deve acabar com a panellinha de Manuel Friandes, Damião Lisboa, Manuel Pedro, Francisco d'Almeida e comittante catterva.

— O Marinangeli deve estar desapontado.

— Tem razão para isso?

— De sobra; pois o Lajournad não teve força para prestidigital-o?

— Explique-se.

— O homem quiz entender-se com o empresario da companhia italiana para dar algumas noites no theatro, mas este oppôz formal recusa.

O governo, porem, entendeu por modo diverso, e o incomparavel Marinangeli ficou sem mel e cabaço.

— Quem tudo lo quer, tudo lo perde.

— E digam que o Lajournad não é um prestidigitador portentoso!

VARIEDADES

MAXIMA QUESTIONAVEL.

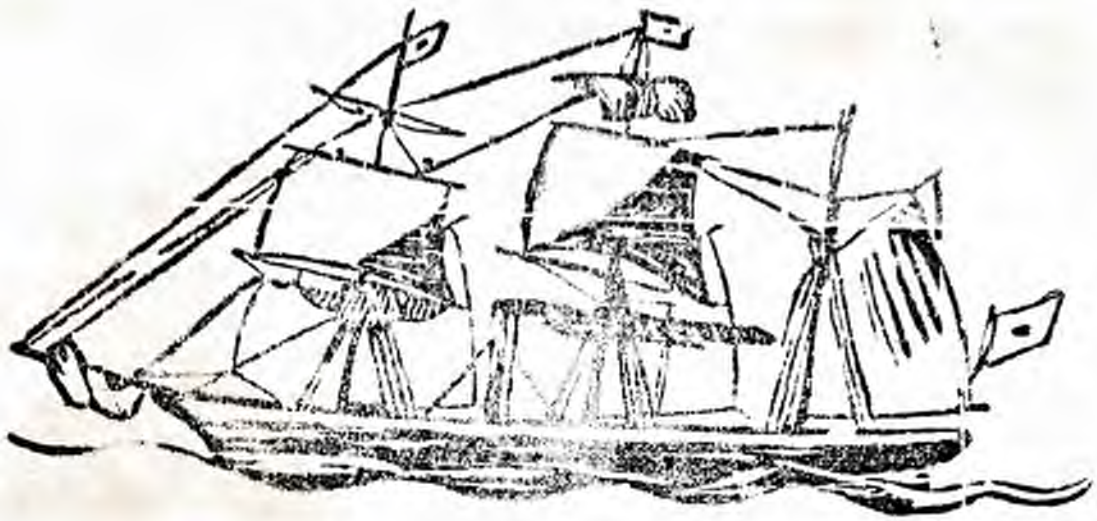
Dizia em certa roda um credor diante do seu devedor, marralheiro como poucos:

— Quem paga o que deve, fica rico. Sempre ouvi esta sentença e é verdade.

— Historia! atalhou o outro, são balelas que os credores espalham.

— Eu por mim, insistiu o primeiro, não sei como um homem que deve pode dormir.

— O que eu não sei, triplicou o segundo, é como pode dormir um homem a quem se deve!



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 53

Preço & assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

26 DE JUNHO DE 1869.

N. 521.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
25 de junho de 1869.
Não houve expediente.

—Capitão, capitão, capitão!
—O que tem rapaz?
—Ai... ai... ai! Estou cansado!
—O que houve?
—Lá se foram as economias dos pobres artistas, o pão de suas viúvas, de suas mães, de suas filhas e de suas irmãs!
—Entendo, mas não comprehendo.
—Lá foi roubado o cofre do Monte-Pio dos Artifices sem haver arrombamento!
—Jesus!...
Ainda não se descobriu o rato?
—Já se sabe quem é, é um infeliz de quem se deve ter dó; é o archivista da sociedade, o Sr. Manuel Olympio.
—Enquanto anda o desfalque?
—Em mais de cinco contos de réis, segundo presumo: um conto e quatrocentos em moeda papel, e o mais em objectos de ouro e prata que estavam hypothecados á sociedade, e que agora ella, pelo seu credito, ha de pagar a seus donos!
—Não foi preso o indigitado?
—Foi preso e já confessou ter sido o author do desfalque dos objectos, negando porem ter tirado o dinheiro, assim como haver empenhado esses objectos ao Dr. Dormund;

mas o Dr. diz que os objectos que elle havia empenhado já foram resgatados! .

—Eu acho que a policia devia ter dado busca em casa do Dr. Dormund, porque eu o ouvi conversando e dizendo que havia ahí nesse negocio uma coisa que ninguem lhe arrancaria; mesuro porque seu irmão o trahiu, pois era elle o unico que sabia desse segredo!

—O que será?

—Ignoro.

—Pobres clavicularios, que vão pagar a fava que o asno comeu!

—Esperemos pelas providencias da policia.

—E devemos esperar, pois confio muito na actividade e energia dos Srs. Drs. Cicero d'Assis e Americo de Souza Gomes.

—Capitão, disseram-me.

—O que?

—Que a V. O. 3.^a de S. Francisco é obrigada a dar no dia de Santa Izabel, 100\$ rs., a cada uma de sete meninas pobres, que nesse dia se cazem.

—Creio que sim; parece-me que ha um legado neste sentido.

—Mas que tal legado não é cumprido literalmente, ou antes que a vontade do doador é sophismada em toda a extensão da palavra.

—Como assim?

—Que esse dinheiro é dividido com filhas de pessoas que estão mais no caso de dar, do que de receber esmola.

—Quer dizer que é repartido por meio de protecção ou affeição.

—Accertou.

Por exemplo, este anno ja estão designadas as pessoas que hão de receber os dotes e entre ellas ha filhas de proprietarios, de empregados publicos com ordenado vantajoso etc.

—Pois olhe, eu tenho a Mesa da O. 3.^a por muito escrupulosa.

—Para sel-o, devia annunciar com tempo, convidando as meninas pobres que estivessem para casar a se apresentarem com os competentes documentos, provando que estavam no caso de receber o dote e destas que se apresentassem tirar sete á sorte.

—Eu tambem sou desta opinião.

—Mas logo que a Mesa aponta á dedo quem deve ter direito ao dote, não procede com justiça; contraria a vontade de quem deu seu dinheiro para um fim util e de alto alcance moral para a sociedade.

—Parece que lhe assiste muita razão no que diz, mas o que quer, si este mundo é todo assim?

—Os meninos da Candinha bradam.

—O que?

—Historias phantasticas, contos da meia noite.

—Balda de gente que se mette na vida alheia.

—Andam agora a espalhar uma historia, inteiramente destituida de fundamento.

—A respeito de que?

—De um pretendido escandalo no arsenal de marinha.

—Que falso! Uma repartição onde a moralidade anda ao atá, onde ha economia para dar e emprestar!

—Por isso mesmo é que V. deve ouvir a historia. Para ver como são ferinos estes malignos meninos da Candinha.

—Abra lá a bocca.

—E' o que dizem, ouça:

Veio do Sul um rapaz brasileiro.

Tinha servido na esquadra e foi confuso no peito, razão porque foi dispensado do serviço.

Julgando-se com direito a alguma remuneração, embora por meio de seu trabalho, contractou-se como primeiro machinista do vapor *Moema*, com a mensalidade de 150⁰⁰ rs.

—A remuneração por serviços de campanha morre desde que quem os prestou torna-se inutil.

A gratidão do governo fica perdida no campo.

—Isto é, no Brasil!

Não sei por que frivolidade, o homem foi despedido.

Chamaram um inglez da companhia Bahiana para supprir-lhe o lugar,

O *biff* exigiu 250⁰⁰ rs. por mez.

Ora, os vapores desarmados, em cuja classe é tido o *Moema*, porque não navega em alto mar, não podem ter machinistas de tal preço.

Para arranjar as cousas, o inglez foi admitido com o ordenado de 150⁰⁰ rs. mensaes, quantia destinada pela verba para isso, e apontado na officina de machinas com 4⁰⁰ rs. diarios, com o nome supposto de James Tawel.

—Qual, homem de Deus! Pois si um aviso do ministerio da marinha manda que contractos com estrangeiros sejam feitos directamente com o governo, como é que iam lá abusar?...

—V. sabe que eu apenas estou contando o que dizem os meninos da Candinha.

Mamando os 4⁰⁰ rs. diarios, o *invisivel* Sr. James Tawel, recebeu o pagamento de 1 a 10 e de 11 a 20 do mez.

—Si eu entretivesse relações com o inspector da thesouraria, pedia-lhe por favor, que me mostrasse as folhas, para examinal-as si com effeito nellas haviam o tal nome phosphorico de James Tawel.

—Que impertinencia! Si V. continua a me interromper, levo com a historia até amanhan.

O inglez recebeu, como dizia, os dous pagamentos de 1 a 10 e 11 a 20 do mez, mas no terceiro, que era o fim do mez, tendo de se fazer a redução dos 3 por centos, que pagam os empregados publicos, tirou o pé do caminho e disse que não pagava, porque era estrangeiro.

O inspector quiz despedil-o.

Porem o experto inglezito disse— aqui ou dente ou queixo, ou eu continuo sem dar nada, ou proponho uma acção de indemnisação para me pagarem 7:000⁰⁰ rs. de prejuizos, segundo o contracto que fiz.

Não havia remedio sinão comer ou verter.

Depois de muitas *perlengas* trataram de *amaciar* o filho da terra dos nevoeiros, que estava rijo em seu proposito.

—E em conclusão?

—Em conclusão, o feliz estrangeiro recebeu 400⁰⁰ rs. para rescindir o contracto, e assignar outro em harmonia com as leis do paiz e seu nome foi riscado da folha.

—Que gentel! Como inventam uma historia destas, que, si fosse verdadeira, compromettia a tanta gentel!

—Para V. ver!

E não querem crer quando se diz que os meninos da Candinha não dormem!

Á PEDIDO

(Continuação do n.º 516.)

—Julgo que me tenho explicado sufficientemente a respeito do patifo, author de tão negra covardia.

Do homem abjecto o vil, que não se pejou de ir á policia denunciar de um rapaz em fúribundo ciúme por uma marafona, inventando mil perfidias e *patranhas*.

—*Patranhas!*... é o meu nome, senhor.

—Mas, em parte, reflectindo bem, não admira que elle praticasse assim, nesta terra excepcional, onde ha authoridades que mandam prender os homens para apossar-se das *amias* destes, e outras que fazem dos *ordenaças mercurios* e mandam buscar por *ordem* as mulheres para irem ás suas casas, e até ha quem leve a *sollicitude* de ir á porta de alguma, saber si certa pessoa, que com ella teve uma rixa, continua a contender.

Nesta terra, pois, onde o homem de classe mediana, o maior mal que pode ter contra si é ter em sua companhia mulher vistosa e bonita, por que ou ha de condescender de *cara alegre* em certas cousas, sujeitando-se ao *rigor da dura sorte*, ou ha de soffrer; nesta terra onde ha authoridades, que levam o cynismo ao auge de escrever bilhetes ameaçando aquellas, que não se querem sujeitar á sua lasciva exigência, prova que possui em meu poder, por que um desses bilhetes pararam em minhas mãos; o que admira que um miseravel quidam, dominado por ciúme apatetado e ridiculo, va a policia denunciar daquelle a quem vota odio?

Mas isso fica de parte.

Eu so quero lhe fazer conhecer quem é o tal safado, ja que V., meu innocentão, finge não conhecê-lo.

Vou mais narrar-lhe um episodio da vida torpe do tal mamão ensoado, e veja si pode ser susceptivel de verniz a cara do velho infame que se dá a taes debiques.

Era no mez de setembro.

Como na Bahia, em Latronopolis pleiteavam-se eleições do municipio.

N'uma noite, o adro da igreja da primeira communa estava atopetado de povo, que velava, afim de que não fosse profanado o recato dessa virgem regateira, chamada urna eleitoral.

Comia-se carurú e tocava-se violão; costume da terra. A indole deste povo bonanchão, é tal, que aos actos mais graves e serios acompanha sempre o folguedo.

O bruxo luxurioso, si bem que de uma communa *debaixo*, perto da *praia*, foi passear na primeira, e entrou no botequim de umas creoulas para tomar cerveja.

A endiabrada cabrinha, que faz delle seu panno de alimpar tigella, vinha nas pisadas do mono, e arrancou-o da tasca.

Foi com elle andando, mui pacificamente, contentando-se apenas de ir mimoscando-o

com certos nomes immundos a que elle ja está habituado a ouvir.

Mas, tudo que chegou bem defronte da porta da igreja, onde a agglomeração de povo era immensa, mais ligeira que um gato, sahio-lhe o chapen de sol e com elle poz-lhe a cara em pantanas.

O povo acadiu, e quiz prender a insolente e desvairada que além da acção descommenda que praticava, atordoava os ares com palavras obscenas e mil improprios que lançava sobre o paciente veado humano.

Mas, sabe o que fez o *toleirão*?

Disse que a não prendessem, porque era uma tola e por não ter juizo é que fazia aquillo.

E deu o braço a messalina de quitanda e la se foi com ella pela ladeira da *Prisão dos padres* abaixo.

(Continua.)

—O fiscal geral foi multado.

—De verdade?

—Tão duro como osso.

Assentou de fazer uma cerca sem licença, em contravenção a postura n.º 24. e foi fizado na ratoeira.

—Pois até elle!

—O homem não contava com a presença do fiscal de Santo Antonio, por ser dia de domingo e por isso entendeu que podia abusar.

—E agora?

Com que direito pode o fiscal geral multar aos particulares, si elle é o primeiro a infringir as posturas municipaes?

—Capitão, que resposta se deve dar a um bebado que nos insulta?

—Mandal-o cosinhar a bebedeira.

—Então acertei; foi justamente o que fiz.

—O bebado insolente merece mais desprezo que o cão; este si nos ladra, podemos enxotal-o com a bengala, o ebrio si nos insulta, nem tal importancia se lhe deve dar. A gente vaie passando seu caminho, deixando-o espojar-se na lama.

—Outro dia passei pela rua d'Ajuda e parei a ver o festejo de Santo Antonio, que se fazia em una venda.

Um portuguez, ou antes escoria desse nome, conhecido la para a Estrada Nova, por *Joaquim Piloto*, bebado de não se aguentar, dirigiu-se para mim e dirigiu-me os mais terpes e ascarosos insultos, sem que eu lhe tivesse dado a menor causa.

Revesti-me de prudencia, e soffri do marrote as consequencias do producto do alambique.

Mas o que me revoltou, foi ver um Sr.

Bacellar, que já andou no sul, por estar *chupando caldo* do portuguez, puchar de um canivete e tentar offender-me.

E a não ser as pessoas presentes, desapercibido como eu estava, talvez fosse victima daquelle desalmado.

—Mas então com que fim vem o senhor me contar isso?

— Pedir-lhe uma providencia.

—O tal Joaquim Piloto é habituado a tomar monas?

—Constantemente.

—Pois bem; a primeira vez que for encontrado, o Custodio lhe dará um leito onde muito bem se curte as bebedeiras.

Quanto ao Bacellar, deixe o cumprir seu fado.

PERGUNTA CURIOSA.

Deseja-se saber si o Dr. Jayme Dormund pagou os direitos da lei para dar diuheiros á premios sobre penhores.

O rato do cofre e a uzura do medico.

—Que insolencia!

Desacatar a uma senhora!

—E' aquella sucia de moleques que se ajunta na porta do Sr. Dantas, á esquina do becco do Açouguinho.

—São os famulos ou escravos da casa que reune a caterva ali. Não respeitam a ninguém.

—E até a pobre senhora, que vai honestamente com sua mãe, vê se exposta ás *chufas* e *ditos graciosos* de gente tão pifia!

—Ah! policia desta terra! So se importa com o que não é de sua conta!

—Ah, por V. fallar nisso lembrou-me; parece que muito breve tenho de lhe contar a tal respeito um caso muito importante.

—Bom dia, capitão.

—Viva, meu amigo. D'onde vem tão cansado?

—Das Pedreiras; subi duas encommodas ladeiras, estou extenuado.

—Ha novidade por lá?

—Apenas o que sei, é que houve a semana passada um grande alarma entre certa moça da villa de *Gengibirra*, uma parenta desta e a vizinha do 2.º andar, do qual resultou ouvir-se em altas vozes palavras daquellas, que só costumam proferir as filhas do becco do Grello, sem o menor vislumbre de respeito e consideração ás familias ali moradoras.

—E sabe a razão que levou-as a isso?

—Disseram-me que por causa de um padre, que a noite frequenta a segunda representante deste drama.

—Amigo, me informe isso melhor?

—Não sei mais nada, capitão, quem bem lhe poderá contar minuciosamente é o *Beziça*, e depois de ouvi-lo, dê as necessarias providencias, afim de que ellas se corrija de tal procedimento reprovado pela sociedade e contrario as leis que nos regem.

Dê me suas ordens, capitão.

—*Adio.*

PERGUNTA INNOCENTE.

—Dizem que o novo regulamento do *Trem do mar* tira o pão a alguns empregados, suprimindo os logares.

—E ficará o rato velho do *Trem do Mar*?
O Lusitano.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 55 do—RO-CAMBOLE.

ANNUNCIOS

CORPORAÇÃO LYCEISTA.

Convidam se aos Srs. lyceistas e alumnos dos diversos collegios estabelecidos nesta cidade, que desejarem se aggregar áquella corporação para brilantismo dos festejos do memoravel Dous de Julho, que se dignem comparecer amanha ás 8 horas do dia, no largo da Palma; d'onde marcharão encorporados para a Cathedral; afim de assistirem a sagração da bandeira d'aquella corporação, da qual acceitou ser padrinho, por dedicação patriótica, o Exm. Sr. brigadeiro Carvalhal, e ao discurso analogo a essa solemnidade, feito pelo reverendo padre mestre pregador imperial Fr. Carneiro da Cunha, que tambem de bom grado se prestou, inspirado nos sentimentos de patriotismo.

Finda esta cerimonia a corporação irá cumprimentar em sua residencia (si estiver nesta cidade) ao Exm. Sr. marechal Argollo, uma das glorias do exercito brasileiro, e em seguida dará um passeio militar até o ponto da dispersão. O director.—*Francklin Cesar da Silva Lima.*

No dia 23 perdeu-se, das Portas da Ribeira ás Portas do antigo Celleiro, um relógio de prata dourada tendo, alem do numero, que é 15.572, os seguintes signaes: «quatro pedras finas, meio patente;» e o relógio estava preso a uma cadeia de prata.

Quem tiver encontrado estes objectos e quizer entregal-os no hospital de maninha, á Joviniano Soares Parente, será generosamente gratificado.